

EDIÇÃO HISTÓRICA

Indústria & Competitividade

Nº 37 > Maio > 2025

FIESC 75 anos



O MOTOR DO DESENVOLVIMENTO de Santa Catarina

A história de como a indústria impulsionou a economia do Estado à base de empreendedorismo, inovação e resiliência, contando com a FIESC para se antecipar às tendências e obter um ambiente favorável aos negócios

INDÚSTRIA NEWS

Que tal começar o seu dia bem informado?

A Indústria News é a sua curadoria de conteúdos para ficar por dentro de tudo o que acontece em Santa Catarina e no mundo.



O que a FIESC e suas entidades estão fazendo pelo setor industrial



Notícias que impactam o cenário de negócios

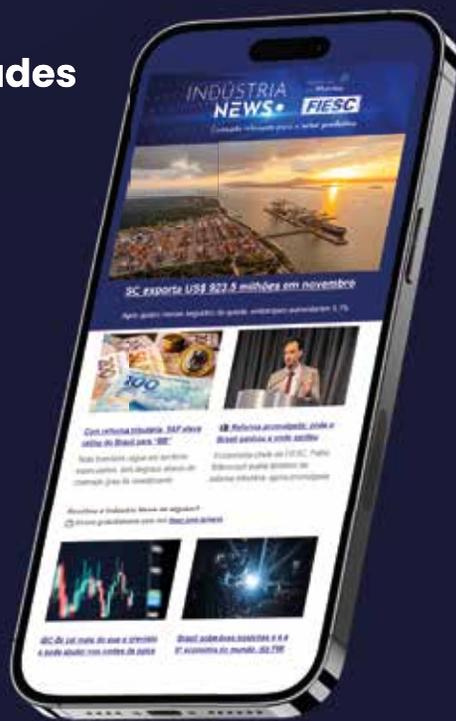


Análises econômicas feitas por especialistas



E muito mais!

Escaneie o QRCode e assinhe agora!



FIESC
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

FIESC 75 anos: onde há indústria, há futuro

Mario Cezar de Aguiar
Presidente da FIESC



Celebrar os 75 anos da FIESC é celebrar a trajetória de milhares de homens e mulheres que, com coragem, visão de futuro e trabalho incansável, transformaram Santa Catarina em uma potência industrial admirada em todo o Brasil e no mundo. Ao longo dessas sete décadas e meia, a indústria enfrentou muitas batalhas, desde o conjunto de adversidades resumido no conceito de Custo Brasil até diversas crises econômicas, instabilidades políticas e, mais recentemente, a pandemia de Covid-19 – que abalou profundamente vidas, empresas e cadeias produtivas.

Mas, diante de cada desafio, a indústria catarinense respondeu com o que tem de mais valioso: a coragem para superar as barreiras e a capacidade de se reinventar e seguir em frente. O industrial de Santa Catarina sempre acreditou, investiu, inovou, qualificou seus recursos humanos, buscou novos mercados e construiu, com esforço diário, um estado que é referência nacional em competitividade, tecnologia, sustentabilidade e qualidade de vida.

A FIESC nasceu para estar ao lado desse industrial. Para defender seus interesses, estimular o crescimento, promover o desenvolvimento humano, antecipar tendências, apoiar a indústria em todas as regiões e fomentar o seu protagonismo mundo afora. É com esse espírito que chegamos aos 75 anos: olhando com orgulho para o passado, mas com os olhos voltados para o futuro, pois os desafios não vão cessar. O mundo muda rápido, as transformações tecnológicas são profundas, os problemas ambientais se agigantam e barreiras se erguem ao mesmo tempo que a competição global se intensifica.

Mas se há algo que a história da FIESC nos ensina é que não há obstáculo que seja maior do que a força de vontade de quem acredita no que faz. Nossa matéria-prima sempre foi o futuro. E ele está sendo moldado, todos os dias, pela capacidade de fazer de cada dificuldade uma nova oportunidade. Aos industriais catarinenses, nosso respeito e nossa admiração. Que venham os próximos 75 anos – estaremos juntos, sempre.

Presidente
Mario Cezar de Aguiar

1º Vice-Presidente
Gilberto Seleme

Diretor 1º Secretário
Edvaldo Angelo

Diretor 2º Secretário
André Armin Odebrecht

Diretor 1º Tesoureiro
Alexandre D'Ávila da Cunha

Diretora 2ª Tesoureira
Rita Cassia Conti

Diretoria executiva
Alfredo Piotrovski
Carlos José Kurtz
Fabrizio Machado Pereira
José Eduardo Fiates

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Edição de arte
Luciana Carranca

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Distribuição
Filipe Scótti

Colaboradores da edição
Leo Laps e
Maurício Oliveira

Apoio editorial
Dami Radin, Elida Ruivo,
Filipe Scótti e
Matheus Garcia de Jesus

Imagem de capa
Criada com I.A. por
Jaison Henicka

Comercialização
VBC Conteúdo

Apoio comercial
Felipe Hübbe Zandavalli

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



www.vbcconteudo.com.br



75 anos

Há 75 anos, a FIESC foi fundada pela iniciativa de lideranças que compreenderam a importância da união para fortalecer e desenvolver a indústria catarinense. Desde então, a Federação tem atuado para a construção de um ambiente mais inovador, competitivo e sustentável para o setor. A história da FIESC é contada brevemente nesta edição histórica, que também destaca sua visão de futuro e o renovado compromisso com o desenvolvimento de Santa Catarina

8

DESENVOLVIMENTO

A CONTÍNUA REINVENÇÃO DA INDÚSTRIA

Fundada em 1950, FIESC organizou e fortaleceu o setor, incluindo suas demandas no planejamento do Estado e criando ambiente favorável

34

GALERIA DOS PRESIDENTES

LIDERANÇAS À FRENTE DO SEU TEMPO

Trabalho visionário proporcionou a profunda industrialização de Santa Catarina e tornou a FIESC uma federação de referência no País

46

ENTREVISTA

UMA FEDERAÇÃO DE REFERÊNCIA

Presidente Mario Cezar de Aguiar conta por que a FIESC se tornou um modelo para outras Federações

52

CAPITAL HUMANO

GENTE QUE DÁ RESULTADO

Da assistência social à saúde integral, do treinamento fabril à educação para o futuro: como as pessoas foram e são cuidadas e preparadas pela indústria

96

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

EMPREENDEDORES INVENTIVOS

Indústria decolou apostando em inovações, e FIESC acelerou o processo articulando ecossistema e fazendo Pesquisa e Desenvolvimento de alto nível

118

INFRAESTRUTURA

PAVIMENTANDO O FUTURO

Melhorias na logística e oferta de energia em SC estão associadas à ação da FIESC, que continua articulando a agenda prioritária do setor

142

INSERÇÃO GLOBAL

CORAGEM PARA ENFRENTAR AS TRANSFORMAÇÕES

Iniciativas voltadas à competitividade internacional e à descarbonização inserem a indústria catarinense na nova geografia econômica

162

ARTIGO

RICARDO ALBAN

Empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)





Inovamos todos os dias para transformar o amanhã.

Somos mais do que um banco. Somos parceiros de quem impulsiona a Região Sul do país. Acreditamos no poder transformador da indústria, no valor do agronegócio e na força de quem empreende com propósito. Por isso, o BRDE atua lado a lado com quem produz, inova e gera oportunidades: para que o desenvolvimento aconteça e beneficie mais pessoas.

BRDE  **CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.**

A contínua REINVENÇÃO da indústria

Desde a fundação, em 1950, a FIESC é um pilar do crescimento industrial de Santa Catarina. De olho no futuro, ajuda a tornar o Estado uma referência mundial em desenvolvimento sustentável

"Nossa matéria-prima sempre foi o futuro". O mote da campanha institucional dos 75 anos da FIESC não é apenas uma construção semântica bem articulada, mas uma síntese fiel do que tem sido a atuação da Federação desde que foi criada, em 1950.

Celso Ramos, seu fundador, foi um pioneiro e um visionário, e o trabalho que fez à frente da FIESC catapultou não somente a indústria do Estado, mas o Estado como um todo, para uma condição melhor do que a anterior. O trabalho seguiu nas gestões subsequentes e a FIESC impulsionou Santa Catarina para frente, como uma locomotiva, que até hoje traciona o desenvolvimento estadual de forma cada vez mais tecnológica e sustentável, com foco no futuro.



As digitais da FIESC estão na construção da infraestrutura estadual que permitiu o grande salto da indústria nos anos 1960, década em que o setor cresceu a uma média de 8% ao ano. Da mesma forma, a Federação teve papel central para a internacionalização da indústria nos anos 1970, quando o Estado se tornou uma das maiores plataformas de exportações de industrializados do País.

Quando o cenário se deteriorou, a partir dos anos 1980, a indústria brasileira como um todo perdeu relevância. Em Santa Catarina, entretanto, o setor demonstrou resiliência e manteve alta participação na formação do PIB estadual – cerca de 30% – e a capacidade contínua de geração de empregos. A força da indústria fez com que o crescimento médio do Estado na década de 1980 fosse de 5,3% ao ano. Nos anos 1990, Santa Catarina cresceu 3,5% ao ano, taxa duas vezes maior que a nacional. A FIESC ampliou e interiorizou suas estruturas, impulsionando grandemente o apoio à indústria em todas as regiões do Estado. Teve também papel central na inserção global do setor durante o período de globalização da economia.

Historicamente a indústria de SC cresce acima da média nacional. Em 2024 cresceu 7,7%, quase o dobro do setor no Brasil



FOTOS: ADORSTOCK



ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS EM SC (EM MIL)



Fonte: Observatório da Indústria



TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE SC (EM MIL)



(*) Projeção FIESC

Enquanto a indústria em Santa Catarina emprega 34% dos trabalhadores do Estado, a média nacional é de 21%

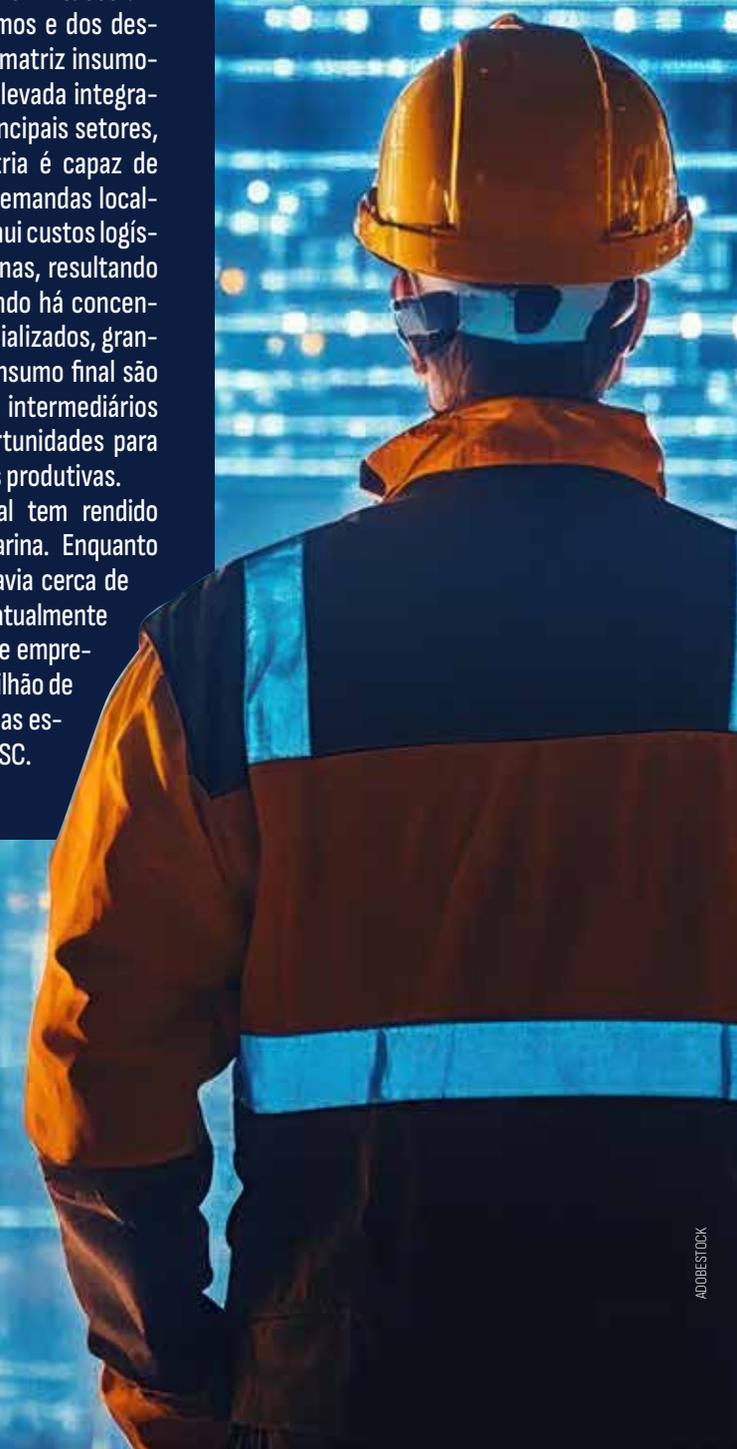
Atualmente, a indústria catarinense é a maior “puxadora” dos resultados positivos do setor no Brasil. Em 2024, o Estado registrou o maior crescimento da produção industrial em todo o País, com 7,7%, mais do que o dobro da média nacional. “Nossa indústria é altamente diversificada e o catarinense é um empreendedor por natureza, além de resiliente. Por isso superamos as crises e crescemos constantemente”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC. “A indústria catarinense tem grande potencial de crescimento, porém tem grandes desafios a serem superados. Construimos o futuro da indústria diariamente”, diz Aguiar.

A relevância da indústria é um fator central para o desenvolvimento de Santa Catarina. O setor é o que mais arrecada impostos e o que melhor remunera, depois dos serviços financeiros. A indústria responde por 34% dos empregos formais do Estado, maior índice do Brasil. Além disso, calcula-se que para cada 10 postos de trabalho criados na indústria, outros 16 empregos indiretos são gerados. Não é por acaso que Santa Catarina é o estado com menor taxa de informalidade do trabalho no País, tem a melhor distribuição de renda e experimenta forte crescimento populacional, em função da atração que exerce devido à oferta de empregos e à boa qualidade de vida.

63 mil indústrias, 1 milhão de trabalhadores

Estudos recentes demonstram os resultados de décadas de ação contínua da indústria catarinense em modo “círculo virtuoso”. A análise das origens dos insumos e dos destinos da produção industrial (matriz insumo-produto) comprova que há elevada integração local da produção nos principais setores, o que significa que a indústria é capaz de suprir grande parte de suas demandas localmente. A alta integração diminui custos logísticos e gera economias externas, resultando em mais investimentos. Quando há concentração de fornecedores especializados, grandes indústrias de bens de consumo final são atraídas. Indústrias de bens intermediários também têm no Estado oportunidades para adensar ainda mais as cadeias produtivas.

Essa característica setorial tem rendido bons frutos para Santa Catarina. Enquanto que ao final dos anos 2010 havia cerca de 50 mil indústrias no Estado, atualmente há quase 63 mil indústrias, que empregam diretamente cerca de 1 milhão de trabalhadores, de acordo com as estimativas mais recentes da FIESC.





EMPREENDEDORES pioneiros

Famílias de imigrantes criaram a indústria catarinense, que cresceu à margem dos projetos nacionais de industrialização

O primeiro registro de uma indústria no Estado é de 1856. Trata-se da Serraria do Príncipe, localizada na Colônia Dona Francisca, atual Joinville, em terras então pertencentes ao Príncipe de Joinville. Francisco d'Orleans era filho dos reis da França e se casara com a princesa D. Francisca, filha de Dom Pedro I e D. Maria Leopoldina. A serraria fornecia madeira para o Rio de Janeiro. Entretanto, o empreendimento pioneiro, associado aos privilégios da nobreza, não tinha o DNA da indústria catarinense, que seria fortemente marcada pelo empreendedorismo.

Foto de 1895 da indústria têxtil Karsten, fundada em 1882 na Colônia Blumenau



FOTOS: ACERVO CULTURAL FIEC

Cenas da indústria catarinense entre os anos 1950 e 1960: setor têxtil no Vale do Itajaí, de alimentos no Oeste e indústria cerâmica no Sul

A história industrial de Santa Catarina está intimamente ligada à história da imigração, com destaque para os imigrantes italianos e alemães que chegaram à província a partir do século 19, sendo que o maior afluxo foi entre as décadas de 1860 e 1900. A atividade industrial pioneira foi a madeireira, com o duplo objetivo de abertura de terras para ocupação e a venda da produção de madeira para os centros urbanos. Ainda no século 19 surgiram as primeiras indústrias têxteis no Vale do Itajaí e no Norte do Estado.

O setor industrial ganhou impulso no século 20, com a ocorrência das duas guerras mundiais que fomentaram a substituição de importações. A exploração de carvão mineral no Sul do Estado inseria-se nesse contexto. A produção de máquinas industriais no Norte também, o que deu origem ao setor metalmeccânico, que foi, por sua vez, fundamental para sustentar o crescimento da indústria têxtil no Vale do Itajaí. A agroindústria começava a se estabelecer no Oeste, com base em parcerias entre empresas e produtores rurais. A pioneira indústria de base florestal se modernizava e abria novas frentes de negócios.

Um amanhã mais

EFICIENTE

é o que nos move hoje.

Como será o amanhã da eficiência energética? Teremos soluções que rendam mais e consumam menos? A eficiência energética fará efetivamente parte do dia a dia das pessoas? Seremos mais conscientes na maneira de produzir e consumir? Aqui na WEG, uma coisa é certa: para nós, a cada dia, o amanhã nascerá diferente. Porque novas perguntas são feitas todos os dias. São elas que nos levam a criar soluções cada vez mais inteligentes para a indústria e para o seu dia a dia. Afinal, é investindo em eficiência e sustentabilidade que construímos um amanhã melhor, hoje.



Santa Catarina possui a indústria mais diversificada do Brasil, de acordo com a CNI

É o estado com maior participação da indústria no emprego formal e o terceiro com maior número de estabelecimentos industriais, atrás somente de São Paulo e Minas Gerais

CLEBER GOMES

Nos anos 1940 Santa Catarina vivia um momento de transição econômica, com a indústria já presente em todas as regiões do Estado, apesar de a agropecuária ainda responder pela maior parte da economia. O crescimento industrial exigia uma estrutura institucional capaz de defender os seus interesses, fomentar o desenvolvimento e articular políticas que impulsionassem a economia estadual por uma trajetória modernizante. A infraestrutura era precária e não havia trabalhadores qualificados para as demandas da indústria. O capital era escasso. O Brasil se industrializava à base de investimentos estatais e capital externo que se concentravam na Região Sudeste.

Em Santa Catarina, que ficou à margem, a indústria evoluiu de um modo particular, com base na empresa familiar. Os nomes de algumas das principais indústrias do Estado remetem às raízes familiares: Döhler e Karsten, fundadas no século 19, existem até hoje, com fôlego redobrado. A Hering, também centenária, ainda é uma referência em roupas de malha no Brasil. Outras que vieram depois também se destacam em suas áreas de atuação: Renaux, Buddemeyer, Altenburg, Olsen, Lunelli, Adami, Mueller, Rohden, Primo Tedesco, Irmãos Fischer, H. Carlos Schneider, CRH (Carlos Roberto Hansen) e milhares de outras indústrias, de todos os portes e setores, que levam ou não o nome das famílias fundadoras e são atualmente conduzidas por seus membros de diferentes gerações.

Sucessão nas famílias empresárias



Alicerçada na empresa familiar, a indústria catarinense teve um desenvolvimento peculiar. Em oposição às grandes companhias de capital pulverizado que priorizam o repasse dos lucros aos acionistas, as empresas familiares reinvestem no próprio negócio, gerando um círculo virtuoso ao longo dos anos. A sucessão em empresas familiares, entretanto, é um desafio permanente. Para apoiar a indústria nesse processo delicado, a Academia FIESC de Negócios formatou o Programa de Desenvolvimento Executivo (EDP, na sigla em inglês) Sucessão e Transformação da Família Empresária.

O programa é dirigido a membros de famílias empresárias, o que inclui fundadores, herdeiros, sucedidos, sucessores e membros das futuras gerações. Parte do princípio de que a sucessão não planejada é um fator de alto risco para a perenidade dos negócios, e oferece orientação para a estruturação de um plano de sucessão nas empresas familiares. Dezenas de indústrias catarinenses organizaram seus processos sucessórios com o auxílio da FIESC.

Família Döhler em Joinville no início do século 20: empresa foi fundada em 1881



DIVULGAÇÃO

UMA IDENTIFICAÇÃO profunda

FIESC articulou a simbiose entre a indústria e o Estado de Santa Catarina, pavimentando o caminho para o crescimento do setor

A fundação da FIESC, no dia 25 de maio de 1950, ajudou a superar entraves que retardavam o desenvolvimento do Estado. A Federação aumentou a representatividade do setor industrial em Santa Catarina e no País, e as demandas da indústria passaram a ser endereçadas de forma mais assertiva. A implantação dos departamentos regionais do SENAI e do SESI foi essencial ao desenvolvimento industrial do Estado, conforme está detalhado mais à frente nesta edição. A FIESC também foi muito relevante para a infraestrutura, o financiamento da indústria e para a construção de um ambiente favorável aos negócios no Estado, que perdura até hoje. A articulação entre os setores privado e público promovida pelo fundador Celso Ramos foi a espinha dorsal dessa trajetória.

Celso Ramos pertencia a uma família influente de Santa Catarina. Seu irmão, Nereu Ramos, foi vice-presidente da República entre 1946 e 1951, chegando a assumir a presidência durante alguns meses. A família possuía negócios na Serra Catarinense, com destaque para a pecuária e a indústria madeireira. No setor da madeira, Ramos fundou um dos primeiros sindicatos patronais do Estado. Esse seria um dos sete sindicatos que formariam a FIESC em 1950.

Entre as realizações de Ramos à frente da FIESC destacam-se estudos aprofundados sobre a economia catarinense e a realização dos Seminários Socioeconômicos em todas as regiões do Estado. Esses eventos reuniam empresários, economistas e gestores públicos para discutir os desafios e oportunidades, abrindo-se o debate a questões sociais, de infraestrutura e planejamento, fomentando políticas industriais e ações voltadas ao crescimento. Os seminários contribuíram para a formação de uma visão de longo prazo e a criação de mecanismos de incentivo ao setor produtivo.



O governo de Celso Ramos foi pioneiro no Brasil na implantação do orçamento plurianual. O plano de metas (Plameg) foi delineado ainda quando Ramos presidia a FIESC, e contemplava temas centrais para o desenvolvimento industrial como educação e infraestrutura



Associativismo EM ALTA

7 SINDICATOS
PATRONAIS
fundaram a FIESC

Atualmente há
142 sindicatos
filiaados, o maior
número dentre
as Federações
das Indústrias
do Brasil

Tudo isso seria implantado em Santa Catarina pelo próprio Celso Ramos que, após cinco mandatos consecutivos à frente da FIESC, renunciou em 1961 para assumir o cargo de governador do Estado para o qual havia sido eleito no ano anterior. Seu programa de governo, o Plameg (Plano de Metas do Governo), era baseado nos resultados dos seminários. Ficou conhecido como o primeiro orçamento plurianual do Brasil, em contraste com as administrações improvisadas do período.

O Plameg frutificou. Muitas escolas foram abertas ao longo da gestão de Ramos, que se encerraria em 1966. Os investimentos em infraestrutura corresponderam a mais de metade das receitas do Estado. O plano de governo previa a criação de instituições como o Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Udesc) e a Centrais Elétricas de Santa Catarina (Celesc), dentre outras organizações. A criação do Fundo de Desenvolvimento de Santa Catarina (Fundesc) financiou a expansão da indústria. Empresários tornaram-se secretários de Estado, aproximando o setor do Governo e influenciando suas decisões.



Canteiro de obras: no governo de Ramos, infraestrutura ficava com metade do orçamento do Estado



A ENGIE GERA ENERGIA QUE FAZ A INDÚSTRIA GIRAR.

Nossa energia oferece mais **sustentabilidade** e **competitividade** para a indústria, assim como a **FIESC** em seus **75 anos** de contribuição com **Santa Catarina**.

Maior investimento da história da FIESC

Cerca de R\$ 1,4 bilhão estão sendo aplicados pela FIESC entre os anos de 2019 e 2025. É o maior volume de investimentos já realizado pela Federação. Várias frentes estão sendo atendidas, com destaque para a educação. Além da construção de novas escolas de referência, novos laboratórios de ensino e a consolidação do Centro Universitário, o UniSenai, a capacitação e a remuneração de todos os professores foram contempladas. O objetivo principal é formar pessoas nos mais diversos níveis – do ensino fundamental à pós-graduação para atender à demanda da indústria por capacitação de trabalhadores aptos a desenvolver os conceitos de Indústria 4.0.



ADOBESTOCK

Escola SESI de Referência em Videira



ARQUIVO FIESC

O ato fundador da FIESC marcou a essência da organização, a de moldar o futuro da indústria de Santa Catarina. Desde então a Federação atua nessa direção, olhando para frente, conforme as demandas de cada tempo. Suas várias áreas de atuação – educação, saúde, inovação, tecnologia, articulação institucional – se alinham para oferecer soluções de acordo com os fatores de competitividade da indústria, no presente e no futuro. O mapa dos caminhos a serem trilhados é atualizado continuamente. “O crescimento econômico é uma relação de causa e efeito, e para que aconteça é preciso realizar ações na direção correta”, diz José Eduardo Fiates, diretor de Inovação e Competitividade da FIESC.

Um importante trabalho da FIESC nessa direção, realizado em 2012, foi o Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense 2022 (PDIC 2022), que serviu de base para a política industrial do Estado e como referência para as ações da FIESC. Durante a pandemia do coronavírus foi criado o Programa Travessia, com o objetivo de superar a crise e reinventar o futuro. Atualmente o Plano Avança SC Indústria busca setorizar e planejar o desenvolvimento estadual de forma estratégica, integrada e conforme a vocação de cada município, com base em um conjunto de estratégias, políticas e ações coordenadas resultante de diversas iniciativas da FIESC ao longo dos anos. “Consolidando sua vocação histórica, mais uma vez a FIESC contribui decisivamente para a construção do futuro da indústria catarinense”, afirma o presidente Mario Cezar de Aguiar.

CASSAVA S.A

natural como a terra

**Muito além da mandioca:
ingredientes naturais, seguros e versáteis**

Atender um mercado exigente requer mais que bons produtos — é preciso oferecer soluções alinhadas às tendências de saúde, desempenho e sustentabilidade.

A Cassava S/A transforma a mandioca em ingredientes inovadores e funcionais para a indústria alimentícia, com linhas que vão da fécula pura aos amidos modificados. Garantimos qualidade e compromisso com certificações como BRCGS, NON GMO, Gluten Free, Kosher e ISO 9001.

Cassava S/A — Ingredientes que alimentam o presente e constroem o futuro.



www.cassava.com.br

[@cassava.sa](https://www.instagram.com/cassava.sa)

+55 (47) 3531-1900

AMBIENTE FAVORÁVEL AOS negócios

FIESC lidera articulações e mobilizações em torno de temas do interesse da indústria que dão bons resultados para Santa Catarina

A preocupação de colaborar para a construção de um ambiente favorável aos negócios em Santa Catarina é marca registrada da FIESC desde a fundação. A Federação se notabiliza por liderar articulações e mobilizações em torno de temas como tributos, reformas, investimentos, salários, infraestrutura, educação e saúde, sempre baseada em conhecimentos sólidos, promovendo debates de alto nível, com foco na valorização da livre iniciativa e do trabalho, em linha com a vocação empreendedora do Estado.

As ações de articulação institucional da Federação são orientadas pelo melhor conjunto de informações disponíveis no Estado. Elas são geradas pelas câmaras especializadas da FIESC em áreas como logística, traba-

lhistas, tributária, ambiental e internacional. Outra fonte de conhecimentos de alto nível é o Observatório FIESC. Estruturado sobre uma plataforma de Business Intelligence, é responsável por monitorar os fatores de competitividade da indústria. Além de abastecer a própria FIESC de informações, o Observatório fornece soluções de inteligência competitiva para as empresas.

Além da notória influência na construção da infraestrutura estadual no governo Celso Ramos, a FIESC também teve participação ativa na viabilização de projetos federais que alavancariam o desenvolvimento do Estado. Vale destacar as articulações para a construção da BR-101, no final dos anos 1960, e para a ampliação da Usina Hidrelétrica de Capivari, na mesma época. A usina, que mais tarde seria rebatizada de Jorge Lacerda, ampliou a oferta de energia para a indústria catarinense ao mesmo tempo que fomentou a indústria carbonífera no Sul do Estado.

Mais à frente, nos anos 1990, a articulação entre a indústria e o setor público pode ser exemplificada pelo fato de que o presidente da FIESC, Osvaldo Douat, tinha uma sala anexa à do governador Wilson Kleinübing no Palácio Santa Catarina, o que garantia que a política industrial do Estado fosse discutida e implementada com a participação direta da indústria. Nessa época, a abertura comercial indiscriminada provocava danos ao tecido industrial, e um estudo realizado pela FIESC previu a perda de 50 mil empregos na indústria. O Sistema FIESC realizou ações com sua estrutura e também se articulou com o Governo, conseguindo reduzir a perda para 20 mil postos entre 1992 e 1997. A atuação política colaborou também para a atração de investimentos ao Estado, ao mesmo tempo que promovia a integração internacional em um mundo mais globalizado, com as primeiras missões empresariais ao exterior, em parceria com o Governo.

Nos anos 2000, para facilitar o acesso da indústria ao crédito, a FIESC passou a abrigar postos do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e Badesc, além de um posto avançado da Financiadora de Máquinas e Equipamentos (Finame/BNDES). Também apoiou a instalação do escritório regional da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). As ações permitiram que a indústria rapidamente obtivesse centenas de milhões de reais em diversas modalidades de financiamento, o que ajudou a alavancar o setor na ocasião.

ADOBESTOCK



Observatório FIESC é a maior fonte de informações sobre SC e dá suporte às ações de articulação institucional



ARQUIVO FIESC



Desafiamos limites pela excelência na operação portuária

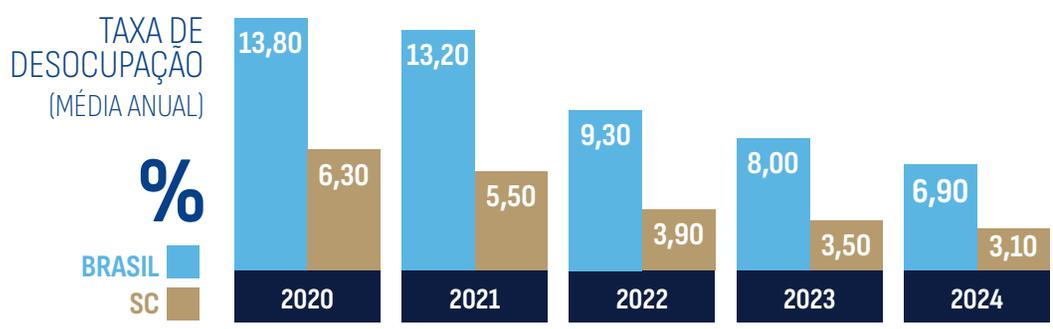
Na Portonave, acreditamos em excelência e nada menos. Fomos o primeiro terminal portuário de contêineres privado do Brasil e hoje somos o terceiro maior movimentador do país. Localizados no Sul, fazemos parte da TiL, um dos maiores operadores portuários do mundo. Navegamos juntos com quem compartilha nosso objetivo: potencializar os negócios de seus clientes.

Estamos prestes a completar 18 anos de operação e seguimos expandindo nossos horizontes. Realizamos o maior investimento desde a nossa fundação, ao preparar o terminal para receber embarcações de uma nova geração, com 400 metros de comprimento. Esse tipo de navio ainda não opera na costa brasileira, mas isso mostra que aqui a excelência vem antes. E o futuro também.

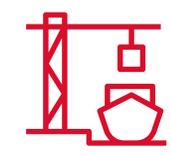
FIESC deu contribuições decisivas para o texto da reforma trabalhista e para a formatação das normas que regulamentam o trabalho nas indústrias

Um dos destaques da atuação da FIESC em favor do ambiente de negócios é junto ao poder legislativo, para a construção de um arcabouço legal mais favorável à atividade industrial. Um dos marcos é o estudo apresentado ao Fórum Parlamentar Catarinense em 2003, com sugestões para a reforma tributária, que só seria aprovada duas décadas depois, incorporando vários dispositivos de interesse da indústria. Desde então a FIESC obteve um histórico de participação exitosa junto ao legislativo.

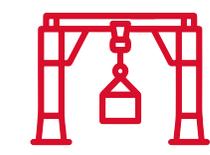
Um exemplo é a participação central na elaboração do Código Florestal Catarinense, aprovado em 2009, que posteriormente serviria de base para o código nacional. Os pontos principais, desenvolvidos pela área jurídica da FIESC, reconheceram a importância das áreas consolidadas e das pequenas propriedades rurais, que têm muitas particularidades, garantindo sua viabilidade econômica e, por consequência, a viabilidade da agroindústria em Santa Catarina. “A Constituição busca harmonizar o desenvolvimento com o meio ambiente, e isso foi alcançado com o Código Florestal. Agora não pode haver retrocesso”, diz Carlos Kurtz, diretor jurídico da FIESC.



Fonte: Observatório FIESC



Terminal portuário mais eficiente segundo a Antaq, com 118 movimentos de contêineres por hora em 2024.



Investimento de cerca de R\$ 1,5 bi em novos equipamentos elétricos e na obra do cais.



Capacidade ampliada para 2 milhões de TEUS*/ano em 2026.

*Unidade de medida equivalente de um contêiner de 20 pés.



DIVULGAÇÃO TUPIY

A FIESC também teve participação significativa na reforma trabalhista, aprovada em 2017, com posições firmes por meio de campanhas institucionais e presença na mídia. Ainda mais objetivamente, contribuiu com a inclusão no projeto de lei da questão do intervalo intrajornada. Outras articulações notórias foram em temas como previdência e tributos, além do aprimoramento das NRs, normas que regulamentam o trabalho nas indústrias de diversas formas, como o trabalho em máquinas (NR-12). Recentemente a FIESC encabeçou uma iniciativa embasada em estudos técnicos para buscar corrigir, no STF, o entendimento de que o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) não é eficaz para a redução dos efeitos do ruído para a saúde dos trabalhadores.

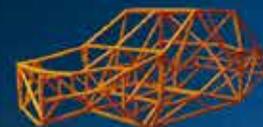
Em Santa Catarina, a FIESC teve papel fundamental para a manutenção dos incentivos fiscais à indústria, que atraiu investimentos e gerou empregos no Estado ao longo dos anos. Houve muita pressão política para derubar os incentivos em favor de maior arrecadação, mas a FIESC contratou os melhores tributaristas do Estado para produzir um estudo demonstrando o contrário. Ficou provado que a política de incentivos era a maior responsável pelo substancial aumento de arrecadação de Santa Catarina entre 2011 e 2017, em função do estímulo aos investimentos, aumento de atividade econômica e geração de empregos.

Comprovação

Por meio de estudos, FIESC demonstrou que incentivos à economia elevam a arrecadação de tributos e geram mais empregos

Aço não é tudo igual. O aço oficial do automobilismo é ArcelorMittal.


ArcelorMittal



Em 2025, nosso aço inteligente vai estar na safety cage, estrutura tubular em aço de alta resistência, de todos os carros da Stock Car.



ArcelorMittal.
Aços inteligentes para as pessoas e o planeta.

O poder da negociação

O piso salarial de Santa Catarina foi instituído em 2009, e se aplica aos empregados que não têm piso salarial definido em lei federal, convenção ou acordo coletivo de trabalho. Outros estados também instituíram o piso, mas só em Santa Catarina ele é definido por consenso entre trabalhadores e empregadores, o que ocorre desde 2010, com a coordenação da FIESC e a participação de todas as centrais sindicais. Nos demais estados, o mais comum é o executivo definir um valor e enviar um projeto de lei para o legislativo.

“Nos 15 anos em que os reajustes são definidos pela via negociada em Santa Catarina, os resultados foram acolhidos pelo executivo e o legislativo, valorizando a harmonia e o respeito entre as partes negociadoras”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC. Além disso, como o modelo se baseia na negociação, há um histórico de menor judicialização e menor resistência ao cumprimento do piso por parte das empresas. “Amadureceu muito o processo de negociação, tanto por parte dos trabalhadores quanto dos empresários, que entenderam que esse é o melhor caminho para todos”, disse Ivo Castanheira, diretor da Federação dos Trabalhadores no Comércio de Santa Catarina (Fecesc), após a conclusão das negociações em 2024.



ADDBESTOCK



FILUPE SCOTTI



FIESC

75 anos

ORGULHO EM FAZER
PARTE DESSA
HISTÓRIA HÁ
MAIS DE 50 ANOS.

Há mais de meio século, a METISA faz parte de uma história que completa seus 75 anos de incentivo ao desenvolvimento das indústrias de Santa Catarina. A FIESC foi a grande parceria que nos fez vivenciar diversas conquistas, avanços e momentos importantes para a nossa evolução. Por isso, nossa gratidão é genuína e nossa confiança é tão sólida e duradoura quanto o nosso aço.

 METISA

 METISA:
O AÇO
EM AÇÃO.

METISA.COM.BR

  METISAOFICIAL

FIESC 75 anos.

Nossa matéria-prima sempre foi o futuro.

Venha o que vier. As entidades da FIESC estão preparadas para ajudar a fazer da nossa indústria uma das mais inovadoras do mundo. Cada vez mais conectada com a tecnologia, com a sustentabilidade, com a saúde, com a educação, com o novo. Porque temos o maior orgulho do passado. Mas somos apaixonados mesmo pelo que ainda vamos realizar. Pelo bem de Santa Catarina e de toda nossa gente.

Lideranças

À FRENTE DE SEU TEMPO

Empreendedores visionários construíram o futuro da indústria catarinense conduzindo a FIESC na defesa dos interesses setoriais

Ao longo de sua história, a FIESC tem sido conduzida por lideranças visionárias, que ajudaram a moldar o desenvolvimento industrial catarinense. Cada presidente imprimiu sua marca, articulando melhorias no ambiente de negócios, impulsionando a competitividade e promovendo o crescimento sustentável da indústria de Santa Catarina.

A história da FIESC se confunde, em parte, com a história de suas lideranças, que, à frente do seu tempo, souberam transformar desafios em oportunidades e garantir que a indústria catarinense seguisse crescendo e se reinventando. Com essa trajetória de compromisso e inovação, a entidade se mantém, desde a fundação até hoje, como referência nacional na defesa e no fortalecimento do setor industrial.





Celso Ramos

1950 – 1960 e 1966 – 1968

1950

• Fundação da FIESC

1952

• Implantação do Departamento Regional do SESI/SC

1954

• Criação do SENAI/SC

1958

• Realização do Seminário Socioeconômico, que norteou a política de desenvolvimento de SC com a indústria no centro da estratégia

Ao se articular para criar a FIESC, Celso Ramos colocou Santa Catarina no mapa da indústria brasileira, que se desenvolvia à base de investimentos e incentivos estatais na Região Sudeste. Ao percorrer o Estado para levantar as necessidades e as ambições da indústria e posteriormente levá-las para o centro de sua gestão como governador do Estado, ele inseriu definitivamente a indústria no DNA de Santa Catarina.

Suas ações pavimentaram o terreno para Santa Catarina se tornar um dos estados mais industrializados do Brasil e líder em uma série de indicadores de qualidade de vida que são decorrentes da geração de riqueza e distribuição de renda proporcionadas pela indústria. Além da implantação do SESI e do SENAI em Santa Catarina durante sua gestão na FIESC, em seu governo foram instaladas as mais relevantes organizações financeiras, educacionais, de infraestrutura e de desenvolvimento do Estado e da Região Sul.

Lageano, membro de uma família influente na política de Santa Catarina, Ramos também foi deputado estadual, superintendente da cidade de Lages, vice-governador de Santa Catarina e senador, além de dirigente do Avaí Futebol Clube nos anos 1940. Licenciou-se da presidência da FIESC para assumir o Governo do Estado em 1961, retornando à Federação em 1966, até ser eleito senador. Faleceu em 1996, aos 98 anos.



FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC

Guilherme Renaux

1961 – 1966



1963

• Inauguração da primeira sede própria da FIESC, o Palácio das Indústrias, no centro de Florianópolis

Guilherme Renaux foi um dos grandes nomes do setor têxtil de Santa Catarina, sendo parte da tradicional família Renaux (era filho do cônsul Carlos Renaux), pioneira na indústria têxtil brasileira. Nascido em Brusque, formou-se em agronomia no Rio de Janeiro e realizou pesquisas sobre novas linhagens de algodão que impactaram a indústria. Sua experiência no setor lhe deu uma visão estratégica sobre os desafios e oportunidades da indústria, o que o preparou para liderar importantes transformações à frente da FIESC, da qual foi um dos fundadores em 1950.

Vice-presidente na gestão Celso Ramos, Willy, como era apelidado, assumiu o comando em 1961, quando Ramos se licenciou para ocupar o Governo do Estado. Em 1962 foi eleito presidente da FIESC. Um dos marcos de sua liderança foi a interlocução da indústria com o Governo Federal e entidades nacionais, garantindo que as demandas do setor produtivo fossem ouvidas e atendidas.

Renaux também fortaleceu a indústria incentivando a criação de sindicatos em diversos setores. Criou um plano de seguros para trabalhadores que atingiu quase 100 mil segurados em 800 empresas, que serviu de referência para sistemas semelhantes em todo o País. Durante sua gestão a FIESC inaugurou sua primeira sede própria, o Palácio das Indústrias, no centro de Florianópolis. Guilherme Renaux faleceu em 1981, aos 85 anos de idade.





Carlos Cid Renaux

1968 – 1971

1969

- Criação do Consórcio Catarinense de Exportações, que aumentou a presença global da indústria catarinense
- Implantação do núcleo regional do Instituto Euvaldo Lodi (IEL/SC)

1970

- Fundação do Centro das Indústrias do Estado de Santa Catarina (CIESC)

Antes de assumir a presidência da FIESC em 1968, Carlos Cid Renaux já desempenhava papéis de destaque no associativismo empresarial, liderando entidades como o Sindicato do Comércio Varejista de Brusque e o Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque e Itajaí. Natural de Brusque, Carlinho, que era sobrinho de Guilherme Renaux, presidiu o Conselho de Administração das empresas da família.

Sua gestão na FIESC foi marcada pela promoção de iniciativas que incentivaram a colaboração entre indústrias, fortalecendo os sindicatos e ampliando a representatividade do setor industrial catarinense. Criou o Centro das Indústrias do Estado de Santa Catarina (CIESC) em 1970, com o objetivo de coordenar os interesses do setor, diagnosticar desafios e propor ações em cooperação com o Governo para solucionar problemas da indústria.

Sob sua liderança, a FIESC criou o Consórcio Catarinense de Exportação (Concatex), que desenvolveu novas estratégias para inserir a indústria estadual no mercado internacional. Renaux também promoveu a aproximação entre a indústria e as universidades, resultando na criação do IEL/SC. A iniciativa visava estimular a inovação no setor industrial, fortalecendo a conexão entre o conhecimento acadêmico e as necessidades do mercado. Em 1995 foi condecorado pela CNI com a Ordem do Mérito Industrial. Faleceu em 2002.



Renaux e o governador Colombo Salles

FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC

Bernardo Wolfgang Werner

1971 – 1986



1983

- Inauguração da nova sede da FIESC, em Florianópolis, local em que a entidade funciona até hoje

Bernardo Werner destacou-se como empresário, líder industrial e político. Teve atuação expressiva na Electro Aço Altona S.A., empresa de referência no setor metalúrgico fundada por seu pai, Paul Werner. Sua visão empreendedora o levou à presidência da FIESC, tornando-se o gestor com o mais longo período à frente da entidade: 15 anos.

Durante sua gestão promoveu a expansão da rede física do SESI e do SENAI, levando educação profissional e serviços de qualidade de vida para os trabalhadores da indústria em diversas regiões do Estado. Ele também se empenhou na melhoria da infraestrutura de transportes e na ampliação dos investimentos em geração de energia elétrica, colhendo resultados significativos. Inaugurou a sede atual da FIESC, em Florianópolis.

Além de sua atuação no setor empresarial, Werner também teve uma trajetória marcante na política. Foi vereador em Blumenau por quase 20 anos, trabalhando para fortalecer o desenvolvimento econômico e estrutural do município. Liderou o movimento pela criação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), que se tornaria referência no ensino superior, impactando positivamente gerações de profissionais e contribuindo para o avanço da pesquisa e inovação no Estado. Werner faleceu em 2008.





Milton Fett

1986 – 1992

1986

Inauguração, em Blumenau, do Complexo Esportivo do SESI, o maior centro poliesportivo da América Latina

1987

Criação da Sociedade de Previdência Complementar do Sistema FIESC (PREVISC)

Milton Fett tem um histórico de atuação expressiva no associativismo empresarial, ajudando a estruturar e consolidar entidades voltadas à defesa e ao crescimento da indústria catarinense desde os anos 1950. Seu engajamento e liderança foram fundamentais para unir empresários em prol de causas comuns, estimulando um ambiente mais favorável aos negócios e ao desenvolvimento econômico do Estado.

Sua longa relação com a FIESC remonta a 1962, quando ocupou o cargo de diretor-tesoureiro e representou Santa Catarina no Conselho Fiscal da CNI. Durante todo o mandato de Bernardo Werner ocupou o cargo de primeiro vice-presidente da FIESC.

Durante seu mandato, Fett ampliou e modernizou setores como a área jurídica, além de ter criado o setor econômico e estatístico. Criou uma assessoria para assuntos florestais e do meio ambiente, o que ajudou a articular um dos principais setores da indústria catarinense até hoje, o de base florestal. Seu mandato também foi marcado pela interiorização e descentralização administrativa. Criou comissões permanentes em áreas essenciais para a indústria, que foram o embrião das atuais câmaras setoriais da FIESC, que dão apoio à gestão e ao posicionamento da indústria diante de diversos assuntos. Fett faleceu em 2002.



Fett e o senador Jorge Bornhausen

FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC

Oswaldo Moreira Douat

1992 – 1999



Natural de Joinville, Douat assumiu os negócios da família após carreira de oito anos no Banco do Brasil. Tornou-se uma liderança empresarial ao assumir o comando da Associação Empresarial de Joinville (ACIJ) por dois mandatos. À frente da FIESC, conduziu a indústria catarinense em meio a um novo contexto de internacionalização, diante da abertura comercial dos anos 1990, auge da globalização, que afetou diversos setores industriais.

Douat reforçou os vínculos da indústria catarinense com o mercado global, sendo hábil na promoção dos produtos do Estado no exterior. Promoveu missões empresariais e criou o Centro Internacional de Negócios (CIN) da FIESC, para detectar oportunidades e oferecer serviços de apoio à internacionalização. Sua gestão também focou em novas tecnologias e sustentabilidade, com a criação do Programa de Qualidade Ambiental na Indústria Catarinense, em parceria com a UFSC.

Douat também foi vice-presidente da CNI e do Conselho de Integração Internacional da entidade, fundador da Coalizão Empresarial Brasileira, membro do Conselho Superior da Câmara Brasil-Alemanha, representante empresarial na Comissão Mista Brasil-Alemanha e representante da CNI na Comissão da ALCA, dentre outras participações. Também presidiu a Celesc e o Conselho Deliberativo do Sebrae-SC.

1992

• Criação do Centro Internacional de Negócios (CIN)
• Primeira missão empresarial da FIESC, para a feira de Hannover, na Alemanha

1994

IEL/SC cria o Softpolis – Laboratório de Desenvolvimento de Software

1997

SENAI/SC passa a atuar no ensino superior formando tecnólogos

1998

Inaugurado o Micro Distrito Industrial de Base Tecnológica de Joinville (Midiville), incubadora da FIESC



Douat e o ministro Pedro Malan



José Fernando Xavier Faraco

1999 – 2005

2000

SENAI/SC atinge a marca de 1 milhão de alunos matriculados

2001

- FIESC propõe criação do Fórum Sul de Energia, e promove uma série de ações para melhorar o aproveitamento da energia nas indústrias

2004

Primeira missão empresarial catarinense à China, organizada pela FIESC

Engenheiro de Telecomunicações natural de Florianópolis, a trajetória de Faraco se destaca pelo empreendedorismo e pela contribuição ao setor tecnológico de Santa Catarina. Além de estruturar os setores de teleprocessamento do BESC, Celesc, Casan e Assembleia Legislativa, em 1977 cofundou a Dígito Tecnologia, uma das primeiras empresas de base tecnológica de Florianópolis, que se tornou referência nacional no desenvolvimento de soluções em telecomunicações e segurança.

Demonstrando visão estratégica, Faraco foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate) em 1986. Sob sua liderança, a Acate consolidou a base empresarial dos setores de informática e telecomunicações no Estado, fomentando o crescimento de novos negócios e fortalecendo o ecossistema de inovação regional.

À frente da FIESC, promoveu a modernização da indústria catarinense. Sua gestão foi marcada pela ênfase na adoção de tecnologias avançadas, inovação e pesquisa e desenvolvimento, visando aumentar a competitividade das indústrias locais e integrá-las às demandas do mercado global. Seu legado é evidenciado pelo desenvolvimento do polo tecnológico de Florianópolis e pelo fortalecimento do setor de tecnologia em Santa Catarina.



Faraco e o ministro Martus Tavares

FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC

Alcantaro Corrêa

2005 – 2011



A carreira empresarial do engenheiro mecânico Alcantaro Corrêa, natural de Pomerode, foi notável. Ele presidiu a Electro Aço Altona S.A., uma das principais indústrias metalúrgicas de Blumenau, de 1994 a 2008, além de dirigir diversas empresas do mesmo grupo. Sua liderança se estendeu ao Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e do Material Elétrico de Blumenau e Pomerode (Simmmeb), do qual foi presidente de 1998 a 2011.

À frente da FIESC, uma de suas principais realizações foi a luta contra o aumento do ICMS sobre itens essenciais para a indústria, como energia, combustíveis e telefonia, resultando no recuo do Governo em sua proposta. Além disso, Corrêa liderou uma campanha bem-sucedida contra a renovação da CPMF, articulando-se com a bancada parlamentar catarinense no Congresso Nacional.

Criou o Projeto Ação FIESC Regional, que estabeleceu diálogo direto com as indústrias, e promoveu o Encontro Desenvolvimento Sustentável, uma série de eventos que resultou no documento "Pacto Federativo como Instrumento do Desenvolvimento Sustentável", que propunha a transferência dos processos de licenciamentos de atividades de baixo impacto ambiental para os municípios. Em sua gestão foi lançado o projeto Bolsa de Resíduos, que permitia às indústrias negociar on-line seus resíduos. Corrêa faleceu em 2014, aos 71 anos.

2006

• FIESC lidera entidades empresariais de Santa Catarina para barrar o aumento do ICMS

2007

• Campanha contra prorrogação de ICMS é promovida pela FIESC
• FIESC organiza Encontro Econômico Brasil-Alemanha em 2007, em Blumenau
• Parceria com o Instituto Fraunhofer, da Alemanha, para transferência de conhecimento na área de logística



ARQUIVO FIESC



Glauco José Côrte

2011 – 2018

2012

- Lançamento do Movimento A Indústria pela Educação, que se ampliaria para Santa Catarina pela Educação
- Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC) envolve as mais diversas organizações para formulação de política industrial para SC
- Criada rede de 10 Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia

2015

- FIESC organiza Encontro Econômico Brasil-Alemanha em Joinville
- Realização em Florianópolis do Global Healthy Workplace, maior encontro global para promoção de saúde de trabalhadores, patrocinado pela FIESC



Côrte e o governador Raimundo Colombo

A gestão de Côrte foi marcada pela construção de amplas alianças envolvendo toda a sociedade catarinense, buscando convergências para avançar em temas como educação, saúde, tecnologia e infraestrutura. Sob a liderança de Côrte, que é natural de Timbó, diversas organizações se articularam com a FIESC em projetos que ajudaram a melhorar os indicadores do Estado e direcionar políticas de desenvolvimento.

Duas das iniciativas foram o Movimento Santa Catarina pela Educação e a Aliança Saúde Competitividade, ambas com foco no desenvolvimento do capital humano em Santa Catarina. As mobilizações foram fundamentais para consolidar no setor industrial o conceito de que a gestão da educação e da saúde são estratégicas para as empresas.

Sob a gestão de Côrte a FIESC ampliou a interiorização, implantando escritórios regionais em todas as sedes das 16 vice-presidências. Foram instalados os Institutos SENAI de Inovação em Joinville e Florianópolis, o que significou um grande salto na área de P&D do Estado. Internamente destacou-se a reestruturação organizacional da FIESC, com a integração entre as entidades.

Mario Cezar de Aguiar

2018 – 2025



2018

- Criação do Conselho Estratégico para Infraestrutura de Transporte e a Logística Catarinense, com participação de mais de 20 entidades

2023

- Inauguração da Academia FIESC de Negócios, voltada à educação corporativa e tendo como público-alvo as novas gerações de industriais catarinenses
- Lançamento da Agenda da Água, com subsídios para uma política de Estado para a gestão da água em todas as suas dimensões

Natural de Joinville, engenheiro civil e empresário do setor da construção, Aguiar é figura proeminente no cenário industrial catarinense. Antes de assumir a presidência da FIESC presidiu a Associação Empresarial de Joinville (ACIJ) por dois mandatos e o Sindicato da Indústria da Construção Civil de Joinville (Sinduscon) em duas ocasiões.

Sua gestão na FIESC é marcada pelo enfrentamento da pandemia, a ampliação do número de matrículas na educação profissional devido à alta demanda da indústria por trabalhadores qualificados e avanços nas áreas de inovação e internacionalização da indústria. Aguiar liderou o maior investimento da história da FIESC, com destaque para a educação. Na esfera da articulação institucional, é voz ativa na defesa dos interesses do setor e de Santa Catarina em assuntos como infraestrutura e pacto federativo, em que preconiza uma distribuição mais equitativa dos recursos arrecadados pelos estados.

Na entrevista a seguir, Aguiar reflete sobre o papel histórico da FIESC e os desafios para a competitividade da indústria nos próximos anos.



Aguiar e o vice-presidente da República Geraldo Alckmin

Uma Federação de referência

Santa Catarina tem uma indústria forte, diversificada e conectada com o mundo – e a FIESC tem muito a ver com isso. Nesta entrevista, o presidente Mario Cezar de Aguiar fala sobre os bastidores dessa atuação: como a entidade ajuda a criar um ambiente favorável aos negócios, por que investe pesado em educação e inovação e como encara o desafio de preparar quase um milhão de trabalhadores para os próximos anos. Também destaca como a prestação de serviços de apoio à indústria e a eficiência gerencial diferenciam a FIESC e a posicionam como referência dentro do Sistema Indústria.

Como o senhor avalia o impacto da FIESC para o desenvolvimento da indústria catarinense?

O impacto não é somente no setor industrial, embora o grande vetor de desenvolvimento do Estado seja a indústria. O primeiro presidente da FIESC, Celso Ramos, que depois foi governador, elaborou aqui na FIESC o plano de metas de Santa Catarina, o Plameg, que ao ser incorporado pelo Governo teve impacto positivo para o desenvolvimento catarinense como um todo, definindo um caminho para a economia de Santa Catarina. Além disso, a FIESC sempre foi gerida por industriais e tem auxiliado muito o desenvolvimento do setor. Basta dizer que mais de 27,5% da produção estadual de riquezas vem da indústria e, o que é mais importante, trata-se de uma indústria de manufatura, que é a mais diversificada do Brasil.

Quais são os papéis exercidos pela FIESC para a obtenção desses resultados?

A FIESC sempre trabalhou para tornar o ambiente de negócios favorável, porque Santa Catarina tem um empresário com espírito empreendedor, voltado para o setor industrial e focado no mercado internacional. Para que o ciclo produtivo seja cumprido, ele precisa de um ambiente favorável. Isso significa ter disponibilidade de energia, infraestrutura de transporte, insumos, legislação favorável, política fiscal adequada, segurança jurídica. A FIESC oferece apoio institucional, com representação dentro dos poderes constituídos, para a construção desse ambiente favorável. Além disso, tem papel central, histórico, na qualificação dos trabalhadores por meio do SENAI, uma entidade que agora é muito forte também em pesquisas para inovação e em metrologia,

prestando serviços altamente relevantes para a indústria. O SESI, por seu lado, inicialmente tinha vocação para o lazer, mas hoje está focado na saúde e na qualidade de vida do trabalhador e na formação básica. O IEL promove a conexão da indústria com a tecnologia. Dessa forma a FIESC oferece suporte para sustentar a indústria dinâmica e diversificada que tornou o Estado referência no setor.

Qual é a percepção da indústria sobre a atuação da FIESC?

Uma das diretrizes mais importantes de nossa gestão foi fazer com que o Sistema FIESC fosse percebido pela classe industrial e também pela sociedade em geral como uma entidade importante para Santa Catarina. Nosso trabalho muitas vezes não é notado, como por exemplo quando influenciarmos para melhorar uma legislação que causaria fortes impactos negativos sem a nossa interferência. Mas temos sentido que a percepção do industrial tem evoluído de maneira significativa. Outra diretriz desta gestão é a de sermos uma Federação de referência no Brasil, diante de nossas congêneres, e uma série de indicadores da Confederação Nacional da Indústria atesta isso.

“Santa Catarina tem um empresário com espírito empreendedor, voltado para o setor industrial e focado no mercado internacional. Para que o ciclo produtivo seja cumprido, ele precisa de um ambiente favorável”

FILUPE SCOTTI

O que significa ser uma Federação de referência?

Buscamos sempre fazer mais, melhor e com menos, olhamos muito para custos, e assim nos alinhamos muito com o estilo de gestão do industrial catarinense. Somos muito procurados por outras federações para fazer *benchmarking* e compartilhar metodologias, pois usamos procedimentos, métricas e indicadores de desempenho para orientar nossas ações e dimensionar os resultados. Somos contratados para melhorar a gestão de outras federações. Somos referência nacional, por exemplo, em *lean manufacturing*, educação a distância e cultura digital, no desenvolvimento da Indústria 4.0, e compartilhamos conhecimentos e produtos com outras unidades do Sistema. Somente entre 30% e 35% de nossa receita vem da contribuição compulsória, o restante é receita com serviços. Somos muito fortes nisso. Por isso temos um dos maiores orçamentos dentre todas as Federações de Indústrias do País – ficamos atrás somente da FIESP. O SENAI/SC acaba de ser escolhido o melhor do País, e a Escola SESI/SC teve a mais alta nota entre todos os departamentos regionais.

A FIESC realiza um ciclo de investimentos que é o maior de sua história. Quais as características e os objetivos dessas aplicações?

Somente no ano passado os investimentos somaram mais de R\$ 400 milhões. Em nossa gestão, em sete anos, terão sido investidos cerca de R\$ 1,4 bilhão. Aplicamos bastante em educação, na adequação de nossas unidades, tanto do SESI quanto do SENAI, e também na preparação e na remuneração dos docentes. Visitamos todas as instalações, todas as unidades no Estado, que não são poucas, e adotamos critérios técnicos

para definir os investimentos, como a matriz GUT, que considera gravidade, urgência e tendência. Focamos na melhoria dos ambientes e aumentamos a oferta de serviços. Hoje temos mais de 25 mil computadores, 4 mil aparelhos de ar-condicionado e 500 veículos para a realização dos serviços. O Sistema FIESC conta com mais de 10 mil colaboradores, e o faturamento por trabalhador tem crescido continuamente.

Quais são os principais desafios da qualificação profissional para a indústria?

A indústria é um ambiente cada vez mais tecnológico, que precisa de pessoas cada vez mais capacitadas. De acordo com levantamento da CNI, precisamos qualificar e requalificar em torno de 950 mil trabalhadores em Santa Catarina até 2027. Hoje não existe mais o trabalhador que aprendeu a exercer uma função e não precisa mais se qualificar. Por isso investimos tanto em educação. Somos a maior rede privada de educação do Estado e trabalhamos para sermos também a melhor unidade de ensino de Santa Catarina, com escolas de referência e metodologias inovadoras. Entendemos que um estado que tem o seu capital humano desenvolvido tem o seu desenvolvimento assegurado. Por isso também defendo que o Estado deve fazer uma campanha para atrair pessoas qualificadas, levando em conta nossa potencialidade econômica.

Com relação ao ambiente de negócios para a indústria, qual é a maior preocupação da FIESC?

Trabalhamos muito a questão da infraestrutura. A energia sempre foi um assunto muito importante para a FIESC, a implantação do gás natural no Estado teve a nossa participação, mas recentemente temos focado na melhoria da



“ Buscamos sempre fazer mais, melhor e com menos, e assim nos alinhamos muito com o estilo de gestão do industrial catarinense. Por isso somos muito procurados por outras federações para fazer benchmarking e compartilhar metodologias”

MARCOS CAMPOS

infraestrutura de transportes, que é precária em Santa Catarina. Há uma restrição fiscal muito forte, tanto na economia estadual quanto na nacional, e acho que Santa Catarina errou ao restringir a participação privada para resolver esses problemas. A implantação do pedágio sempre foi muito combatida no Estado, mas acho que essa mentalidade mudou, felizmente, e hoje já se admite que a participação privada é o meio para encontrar soluções. É verdade que o Estado produz muito, manda muitos recursos para Brasília e recebe muito pouco de volta, mas não podemos ficar de braços cruzados. Mesmo que essa situação melhore, nunca será no nível que merecemos e necessitamos. Por isso a participação privada é fundamental.

Como vê o futuro da indústria no Estado?

A indústria catarinense é uma das mais avançadas do Brasil e tem um futuro promissor. Porém, para que ela cresça, tem que haver um ambiente favorável. Eu diria que o crescimento forte da indústria catarinense depende diretamente da infraestrutura de transportes. A questão é que, com a reforma tributária implantada, o fator logístico será fundamental. Santa Catarina não poderá oferecer benefícios fiscais diferenciados, como faz hoje. Nós temos portos, temos cultura industrial e vocação para a internacionalização, mas se não tivermos uma boa infraestrutura de transportes, perderemos competitividade.



SC no centro da agroindústria global

Com estrutura integrada, sustentabilidade e tecnologia de ponta, JBS transforma o Estado em sua principal base de produção e exportação de aves e suínos, fortalecendo cadeias produtivas e impulsionando o desenvolvimento regional

AJBS iniciou suas operações em Santa Catarina em 2013, com a aquisição da Seara. Desde então multiplicou a produção de aves e suínos, tornando o Estado sua principal plataforma de produção e exportação. Além disso, a JBS estruturou diversas operações em Santa Catarina, como a inovadora fábrica de premix em Itaiópolis – o premix é um concentrado nutricional de alta tecnologia que serve de base para a fabricação de rações. Em Mafra, o grupo possui uma planta de biodiesel. Localizado em Florianópolis, o JBS Biotech é o primeiro Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Biotecnologia do Brasil. O Grupo JBS também é responsável pela operação do Porto de Itajaí, no litoral Norte catarinense.

Todas as atividades empregam diretamente 25 mil colaboradores, mas o impacto socioeconômico da empresa no Estado vai muito além. Ao menos 150 mil pessoas são beneficiadas, considerando produtores integrados e seus familiares e fornecedores de serviços como transportes, produtos veterinários e manutenção de galpões e aviários, dentre outros. Os municípios onde se localizam as granjas, que ficam no entorno dos oito abatedouros de aves e três de suínos, estão entre os de maior movimentação econômica e arrecadação de impostos.

Como maior exportadora global de carne de frango e relevante em carne suína, com fornecimento para mais de 150 países, a Seara possui uma estrutura altamente competitiva não apenas do ponto de vista econômico. A sustentabilidade, que também engloba fatores ambientais e sociais, é chave para o êxito da companhia no mercado mundial, e Santa Catarina está à frente em diversos aspectos.



25 mil Colaboradores diretos da JBS em SC



Mais de 75% dos 2,8 mil produtores integrados possuem geração fotovoltaica em suas propriedades. A totalidade dos resíduos sólidos gerados, como embalagens de desinfetantes e vacinas, é coletada e destinada corretamente, e todos os integrados estão em dia com o licenciamento ambiental. No âmbito do Hub de Descarbonização, liderado pela FIESC, uma articulação está em curso para destinar os dejetos de animais para a produção de biometano e energia.

Um dos maiores ativos da agroindústria catarinense é a sanidade, tendo a Seara na liderança de diversas iniciativas. A rastreabilidade dos produtos é total, e todas as unidades próprias e de parceiros atendem a requisitos de biossegurança. A empresa colabora, junto a órgãos de Estado, para fortalecer a segurança nas divisas e fronteira, e realiza simulações em preparação para emergências sanitárias.

Outras ações envolvem o bem-estar animal, o incentivo à manutenção de mulheres e jovens na atividade rural e a promoção de segurança no trabalho nas unidades próprias e junto aos parceiros. “Nesses 12 anos em Santa Catarina articulamos um sistema produtivo complexo, eficiente e sustentável, colaborando para firmar o Estado como um dos protagonistas mundiais da agroindústria”, diz José Antonio Ribas Junior, Diretor Executivo de Agropecuária da Seara.

De acordo com o executivo, a construção de um ambiente favorável ao setor em Santa Catarina é calcada na parceria com a FIESC. Na esfera estrutural, a Federação trabalha pelo aumento da eficiência portuária e na articulação de soluções para melhorar a logística do Estado, áreas que são essenciais para a agroindústria. “A oferta de educação e qualificação profissional, por meio do SENAI e do SESI, também tem sido fundamental para o desenvolvimento da Seara em Santa Catarina”, afirma Ribas.



SC concentra



25%
da produção
de frangos



30%
da produção
de suínos
da Seara

GENTE que dá resultado

A educação e a saúde do trabalhador potencializam a competitividade da indústria. Atuação da FIESC nessas frentes passou de reativa às demandas para antecipação de tendências

Quais são os fatores determinantes para o desenvolvimento econômico das organizações e das sociedades? Capital, trabalho e terras, diriam os teóricos clássicos, que os chamariam de fatores de produção. Os neoclássicos incluiriam o empreendedorismo e a tecnologia no pacote. Já a “destruição criativa” promovida pela inovação ganhou status no século 20 – a substituição de tecnologias, empresas e modelos de negócios obsoletos por novos e mais eficientes seria a verdadeira força motriz do desenvolvimento econômico. Mais à frente a teoria institucionalista afirmou que não bastam recursos e tecnologia – é necessário também a existência de instituições sólidas e previsíveis, como respeito à propriedade e segurança jurídica.



Não é difícil perceber que por trás de tudo isso estão as pessoas, e que a capacidade de realização dos indivíduos pertencentes a uma organização ou a uma nação é a verdadeira força motriz do desenvolvimento. São as pessoas que empreendem, trabalham, estão na origem das inovações e do aprimoramento das instituições.

Isso valia no passado, quando a indústria estava crescendo a passos largos no Brasil e precisava qualificar a força de trabalho e cuidar da saúde dos trabalhadores. E vale atualmente, pois é senso comum que somente pessoas capacitadas serão capazes de levar a indústria à frente, em meio a um cenário de transformações profundas, sejam tecnológicas, organizacionais, climáticas ou geopolíticas. “As pessoas são centrais para a competitividade. O investimento em qualificação e bem-estar dos trabalhadores está associado a uma indústria mais produtiva e inovadora”, afirma Fabrizio Machado Pereira, diretor de Educação, Saúde e Tecnologia da FIESC.

39%
Aumento do PIB por
trabalhador associado
a um ano adicional de
escolaridade

FOTOS: ADREBISTOCK



A criação do SENAI e do Sesi no Brasil, respectivamente em 1942 e 1946, surgiu como uma resposta a essas demandas. Ambos foram estruturados como entidades privadas de interesse público, geridas pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pelas federações estaduais. Financiadas por meio de contribuição compulsória das indústrias, tiveram assim a garantia de autonomia e alinhamento com as demandas do setor. Após a fundação da FIESC, os braços estaduais das organizações foram estruturados em Santa Catarina.

Desde então, muita coisa mudou. O Sesi deixou de ser uma entidade inicialmente voltada à assistência social de trabalhadores extremamente necessitados, uma vez que se consolidou a melhoria das condições de trabalho, para se tornar referência na área de Segurança e Saúde no Trabalho (SST) e na oferta de educação básica para os trabalhadores e seus dependentes. Também passou a atuar na promoção de hábitos saudáveis entre os trabalhadores, compartilhando com as empresas a visão de que colaboradores saudáveis e motivados são mais produtivos e engajados.

Mais recentemente, o Sesi registrou um novo marco histórico em sua linha de ação ao passar a atuar também na área de saúde assistencial, que compreende diagnóstico, tratamento e reabilitação de doenças, com foco na saúde integral e baseada em valor. Aplica as melhores tecnologias disponíveis para potencializar resultados, auxiliando no controle de custos das empresas e proporcionando resultados mais satisfatórios para os trabalhadores.



FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC



SESI e SENAI de Santa Catarina passaram a atender os trabalhadores da indústria após a fundação da FIESC, oferecendo serviços de educação profissional e básica, lazer e saúde



ARQUIVO FIESC

A abordagem educacional do SENAI, voltado à educação profissional, e do Sesi, responsável pela educação básica, evoluiu igualmente ao longo do tempo. Em 1954, quando o SENAI/SC foi instituído, a indústria catarinense contava com cerca de 18 mil trabalhadores, e um censo constatou que a maioria deles atuava empiricamente, sem conhecimento técnico. Foram listados mais de 100 ofícios que eram exercidos na indústria, o que serviu de base para o SENAI estruturar os cursos que ofereceria a partir de então.

De lá para cá as entidades da FIESC deixaram de somente perseguir as necessidades não atendidas da indústria para se posicionar à frente, preparando pessoas para as demandas do futuro. Foi com esse espírito que a gestão educacional da Federação, que era dividida entre SENAI, Sesi e o IEL, entidade que foca em talentos, passou a ser integrada, o que na prática derrubou as fronteiras existentes entre educação profissional, básica e corporativa. Surgiram novas abordagens como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) Profissionalizante, que ao mesmo tempo garante a formação básica de trabalhadores e os qualifica para o mundo do trabalho.

SOMOS A
ENERGIA QUE

IMPULSIONA

SANTA CATARINA



INVESTIMENTO DE
R\$ 2,2 BILHÕES
DESDE 2023

A CELESC investiu R\$ 2,2 bilhões nas áreas de distribuição, rede trifásica e novas subestações.

É mais inovação, tecnologia e capacidade para aumentar a potência da indústria e do agronegócio.





CLEBER GOMES

Academia de ginástica do SESI instalada dentro de indústria: promoção da saúde

Paralelamente, as escolas do SESI e do SENAI adotaram a metodologia STEAM (sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática), surgida nos Estados Unidos a partir da constatação de que a tecnologia era cada vez mais impactante para a sociedade e o setor produtivo, mas que a educação ignorava as transformações. Outra abordagem é a valorização das habilidades socioemocionais, que incluem aspectos como empatia e capacidade de trabalhar em grupo. “O objetivo é preparar pessoas capazes de conduzir a transição da indústria para a transformação digital e a economia de baixo carbono, dentre outras tendências impactantes”, diz Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC.

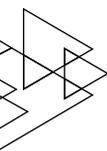
Cultura consolidada

As últimas décadas foram marcadas pela convicção cada vez mais firme de que pessoas saudáveis e felizes no ambiente de trabalho, além de qualificadas e com perspectivas de ascensão na estrutura organizacional, entregam melhores resultados para si mesmas e para as empresas. Atestam as premissas diversas pesquisas conduzidas por entidades como Associação Brasileira de Recursos Humanos (ABRH), Gallup e Hey Group, parceiras da FIESC em iniciativas como o 3º Global Healthy Workplace, um dos principais encontros mundiais sobre bem-estar do trabalho que foi realizado em Florianópolis em 2015.

Em relação ao desempenho de empresas que mais investem em saúde, em comparação às que menos investem, o Gallup divulgou no evento que havia 48% menos incidentes de segurança e 41% menos problemas de qualidade na produção, além de menos absenteísmo e maior número de clientes leais. Já em relação a empresas que mantêm programas educacionais, outras pesquisas demonstram que os colaboradores têm maior comprometimento, mais produtividade e inovação, melhores relações interpessoais, redução de rotatividade e mais gente apta a assumir cargos de gestão. Em 2024 o Global Healthy Workplace voltou a ser realizado no Brasil, desta vez em Brasília, e contou com o apoio do SESI.



ARQUIVO FIESC



A jornada da EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Imigrantes qualificados deram o pontapé inicial da indústria no Estado, e a formação técnica oferecida pelo SENAI/SC sustentou o crescimento do setor

A história de Santa Catarina é um testemunho da importância das habilidades e da qualificação profissional para o desenvolvimento econômico. Imigrantes, principalmente alemães, trouxeram consigo uma série de conhecimentos técnicos e habilidades que foram cruciais para o florescimento da indústria. Implantaram técnicas de produção, substituíram o trabalho manual pelo uso de máquinas e desenvolveram novos produtos e mercados.

“Apesar de todas as adversidades dos primeiros tempos, o que determinou o encaminhamento para a industrialização nas incipientes colônias foi o fator humano”, explica a professora Sueli Petry, diretora da Secretaria Municipal de Cultura e Relações Institucionais de Blumenau. “Esses imigrantes colocaram seu conhecimento em prática de forma paulatina e segura, começando com experimentos de fundo de quintal. Com o passar dos tempos, evoluíram para novas tecnologias da época e se tornaram grandes complexos industriais”, afirma.

A evolução da indústria, entretanto, demandava a formação de novas gerações de trabalhadores que fossem capazes de atuar com máquinas e processos produtivos cada vez mais complexos. Os operários eram essencialmente oriundos do campo – a industrialização acelerou a urbanização – e a vasta maioria dos trabalhadores não era tecnicamente capacitada para exercer funções nas fábricas.



O SENAI catarinense foi fundado em 1954, e a primeira escola foi construída em Lages. A rede se espalhou rapidamente pelo Estado, e hoje a estrutura conta com 51 unidades de educação e 675 laboratórios didáticos





O SENAI catarinense qualificou para o trabalho na indústria milhares de pessoas oriundas da área rural, acompanhando o processo de urbanização do Estado e garantindo a alta empregabilidade dos egressos



No Brasil, as primeiras iniciativas para fomentar o ensino profissionalizante datam dos anos 1930. Elas culminaram com a criação de um sistema nacional de aprendizagem, de inspiração europeia. Representantes da indústria propuseram que os órgãos sindicais implementassem o projeto, e em 1942 o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto de criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). O modelo de ensino era baseado na aprendizagem prática, aproximando a formação profissional da realidade industrial, e os cursos eram voltados para setores estratégicos, como metalurgia, têxtil e construção civil.



FOTOS: AGERIO CULTURAL FIESC



Conexões que inspiram o futuro da Indústria e da Alimentação

A FIESC impulsiona a indústria catarinense com excelência, inovação e visão de futuro – valores que também fazem parte da nossa essência.

A Duas Rodas, presente em mais de 70 países, oferece ingredientes de qualidade, desenvolvidos com responsabilidade e paixão. São soluções que despertam sentidos, inspiram ideias e conectam pessoas.

Ao lado da FIESC, importante fomentadora do empreendedorismo e da inovação das indústrias de Santa Catarina, transformamos desafios em oportunidades, gerando valor e, juntos, inspirando o futuro.

Parabéns, FIESC, pelos 75 anos de compromisso com o que nos conecta ao amanhã.

#vamosjuntos



Em 2022 o SENAI/SC superou seu **primeiro milhão de matrículas acumuladas** na história. Desde então, o patamar de matrículas anuais dobrou, superando **200 mil a cada ano**



ARQUIVO CULTURAL FIESC

Em 1943 foi criada a Delegacia Sul do SENAI em Curitiba, que atendia Santa Catarina também. Dez anos mais tarde, em 1953, já com a FIESC em plena atividade, o processo legal para criação do SENAI catarinense foi deslançado, culminando com a fundação oficial em 1º de janeiro de 1954. A primeira escola do SENAI foi construída em Lages, em 1955. Já a unidade de Blumenau, que veio na sequência, foi projetada para atender alunos das cidades vizinhas, todas com empresas já destacadas no setor têxtil e do vestuário. Uma escola em Siderópolis formava trabalhadores para a indústria carbonífera, e posteriormente a unidade foi transferida para Criciúma para atender a nascente indústria cerâmica. Programas de treinamento de menores de idade no local de trabalho foram implantados em dezenas de empresas, e programas de qualificação para gestores, com base em metodologias norte-americanas, também foram realizados.

PARABÉNS, FIESC,

PELOS 75 ANOS



Reconhecemos sua trajetória marcada pela liderança, inovação e compromisso com o desenvolvimento da indústria de SC.

Agradecemos pela histórica parceria. Unidas em defesa do setor produtivo, Faesc e Fiesc constroem estratégias que fortalecem o campo, a indústria e impulsionam a economia catarinense.

Que essa parceria continue promovendo transformações ao nosso Estado!





DIVULGAÇÃO

Laboratório de Processamento da Madeira do SENAI, em Caçador, simula uma fábrica completa, com equipamentos de alta tecnologia

As iniciativas foram o embrião do que é hoje a maior rede de ensino profissional do Estado, que registra 93% de empregabilidade de seus egressos. O SENAI/SC possui atualmente 51 unidades de educação profissional e um centro universitário, além de 14 unidades móveis. A estrutura comporta 675 laboratórios didáticos e 393 salas de aula, distribuída em todo o Estado de acordo com as necessidades locais dos setores industriais.

Um exemplo é o Laboratório de Processamento da Madeira do SENAI, inaugurado em março deste ano em Caçador. A região é o maior polo setorial do Estado, e já contava com um curso de tecnólogo para suprir a indústria local. Agora o laboratório, que simula uma fábrica completa, será utilizado por alunos do curso Técnico em Processamento da Madeira e também para alunos de cursos de aprendizagem. O SENAI investiu R\$ 4,3 milhões na unidade, que possui equipamentos de alta tecnologia como coladeira automática de bordas, furadeira múltipla e cabine de climatização de lixas.

Estudos avançados

No início do século o SENAI deu os primeiros passos no ensino superior, mas o grande salto ocorreu em 2021, quando o UniSENAI foi reconhecido como Centro Universitário pelo MEC. O status garante maior autonomia e agilidade nos programas de graduação e pós, o que acelerou a oferta de cursos para as engenharias. Está presente em cinco campi: Blumenau, Chapecó, Florianópolis, Jaraguá do Sul e Joinville. Cada campus foca em áreas estratégicas para a economia regional, como tecnologia da informação, manufatura avançada, indústria de alimentos, energias renováveis e mobilidade elétrica. A primeira graduação em Ciência de Dados e Inteligência Artificial de Santa Catarina foi lançada no início de 2025, em Florianópolis.

A metodologia de ensino inclui aspectos como projetos cocriados com a indústria, para conectar a academia ao mercado. Na modalidade dual, os cursos são ministrados parte dentro de uma indústria e parte em sala de aula. Na pós, os cursos incluem MBI em Indústria 4.0, Engenharia de Software Automobilístico e MBI em Mobilidade Elétrica e Energias Renováveis.



FOTOS: ARQUIVO FIESC



UM NOVO OLHAR sobre a educação

Qualificação dos trabalhadores ganhou status de investimento estratégico nas empresas e o tema se tornou central na agenda de Santa Catarina e da FIESC

Uma mudança de perspectiva se consolidou na indústria de Santa Catarina nas últimas décadas, a de que a educação dos trabalhadores deve fazer parte da estratégia competitiva das empresas, o que colocou a indústria como protagonista do processo educacional. É um ponto de vista muito diferente do que vigorou por muito tempo em boa parte do setor produtivo, que atribuía ao setor público a responsabilidade única pela educação dos brasileiros. Só que as enormes e conhecidas limitações do ensino público têm entregado um dos piores resultados do mundo, conforme avaliações internacionais. Fato que está ligado à baixa produtividade do trabalhador brasileiro, equivalente a apenas um quinto do desempenho médio do trabalhador norte-americano.

A virada estratégica das principais empresas, que passaram a investir mais na qualificação dos trabalhadores e se tornaram mais exigentes quanto à qualidade do ensino, esteve associada a uma reformulação da oferta de educação básica, profissional, continuada e executiva oferecida pela FIESC. Mais ainda do que isso, mexeu profundamente na maneira como a Federação passou a influenciar no setor. Já não bastava centrar os esforços em qualificar quem já estava empregado, mas era necessário preparar melhor os jovens para as transformações do mundo do trabalho.

Foi daí que nasceu o Movimento Santa Catarina pela Educação, lançado em 2012. Trata-se da maior articulação intrassetorial já obtida no Estado, pois envolveu, além da indústria, que aderiu em grande número, o setor público e inúmeras organizações que formalizaram parcerias e disponibilizaram ferramentas. Vale citar as adesões entusiasmadas do movimento Todos Pela Educação, Instituto Ayrton Senna e Google, além do Governo do Estado, municípios, trabalhadores e suas centrais sindicais, pais, professores, alunos e o Conselho Estadual de Educação. O Movimento ficou conhecido como um alinhamento de planetas, em função de sua capacidade de organizar as pautas e concentrar esforços.



Evento relacionado ao Movimento Santa Catarina pela Educação (acima) e o laboratório do SENAI em Joinville: alta adesão da indústria está relacionada a uma mudança de percepção dos empresários, que passaram a se ver também responsáveis pela educação





Mais de 100 mil pessoas foram formadas pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) do SESI/SC até 2024. Criado em 1999, desde então atendeu mais de 500 indústrias e oferece a modalidade EJA Profissionalizante, que garante formação básica e qualifica para o trabalho



Integração do SESI e SENAI articula jornada completa do estudante, da educação infantil à pós-graduação



As indústrias, por seu lado, criaram ambientes que passaram a valorizar mais os estudos e ofereceram oportunidades aos colaboradores, abrindo mais espaço para os programas de aprendizagem industrial, voltados para a profissionalização de adolescentes e jovens, que desde cedo podem se adaptar à cultura e às necessidades da empresa e podem ser efetivados. Companhias passaram a pagar integralmente ou em parte as matrículas de trabalhadores em cursos técnicos e de ensino superior. O SENAI e o SESI são os principais parceiros dessas iniciativas.

“Quando iniciamos o Movimento, muitos empresários me perguntavam: o que temos a ver com isso? Buscamos demonstrar que a educação e a qualificação dos trabalhadores também são assuntos das empresas. A renovação do conceito de responsabilidade sobre educação é uma das maiores contribuições do Movimento”, explicou, em 2018, Glauco José Côrte, presidente da FIESC à época e responsável pela criação do Movimento.

A evolução da mentalidade – e do grau de exigência – da indústria também esteve entre os motivadores do Projeto de Educação SESI SENAI 20/30, um plano orientador de todas as iniciativas educacionais das entidades, que passaram a atuar em conjunto. O objetivo é a criação de escolas que não apenas acompanhem, mas que sejam precursoras de novos modelos de ensino e novas tecnologias. As escolas SESI de Referência, instaladas em Joinville e Itajaí, são exemplos concretos da nova proposta, com conceitos como ensino híbrido, aprendizagem baseada em problemas e gamificação (leia matéria subsequente).

A integração do SESI e do SENAI na área educacional concluída em 2018, que foi pioneira no Brasil para obtenção de sinergias e otimização de recursos, também impôs diferenças de abordagem. Surgiu a necessidade de se articular a jornada completa do estudante, desde a educação infantil até a pós-graduação, o que passou a dar um novo sentido ao complexo educacional mantido pelo Sistema FIESC.

De executivos para executivos

Concebida em plena pandemia, a Academia FIESC de Negócios tem o propósito de desenvolver empresas capazes de se adaptar e tirar proveito das grandes transformações impostas não somente pela experiência da Covid-19, mas também mudanças tecnológicas, geopolíticas e climáticas. Passou a funcionar no primeiro andar da sede da FIESC, em Florianópolis, e o espaço logo se tornou ponto de encontro de dezenas de industriais e executivos do Estado e também de fora de Santa Catarina, interessados em trocar experiências e obter conhecimentos avançados. "A Academia é a vertical de educação executiva idealizada para apoiar a reinvenção e a transformação da indústria catarinense", define José Eduardo Fiates, diretor de Inovação e Competitividade da FIESC.

Dentre as abordagens destaca-se a *hands on*, que pode ser traduzida como "mão na massa" ou "aprender fazendo", que valoriza a construção de soluções práticas e o compartilhamento de experiências. O empreendedorismo em rede estimula a formação de alianças entre os participantes e as parcerias com escolas internacionais conectam os alunos às principais tendências internacionais de gestão.



ADOBESTOCK



FILUPE SCOTTI

A Neogrid agradece **A PARCERIA E O COMPROMISSO** da FIESC com a indústria de Santa Catarina

Ao longo de sua trajetória, a FIESC vem fortalecendo a inovação e a tecnologia do setor – e para nós é um prazer fazer parte dessa história!

PARABÉNS PELOS 75 ANOS!

Seguimos juntas compartilhando o mesmo objetivo: **tornar as indústrias ainda mais competitivas!**



Investimos em tecnologia e insights acionáveis para **ajudar empresas da cadeia de consumo a venderem mais, com mais margem.**

Somos a **única empresa com soluções de ponta a ponta** para garantir a eficiência da indústria:

Automatização da troca de pedidos para aumento do nível de serviço e redução do esforço operacional.

Gestão de Estoques, previsão de demanda e ferramentas de colaboração com varejo para **otimizar estoques, entregas e monitoramento do desempenho de Supply.**

Otimiza a gestão do ponto de venda, com o objetivo de garantir a execução da loja perfeita (distribuição, disponibilidade, sortimento e preço), o aumento de vendas e market share.



Visão integrada e inteligente do canal de distribuição, que facilita a identificação de oportunidades e riscos.

Performance no e-commerce, que potencializa as vendas no canal digital e contribui na estratégia omnichannel com inteligência de dados.

Estratégias promocionais massivas e segmentadas, ações de Trade Marketing e Retail Media.

Otimização, controle e monitoramento de verbas e contratos comerciais.



Fale com nossos especialistas para **alcançar o máximo potencial** do seu negócio

▶▶ **Neogrid**



Neogrid.com

Escolas SESI de Referência despertam o interesse pela tecnologia desde a infância, e ao longo da educação básica preparam futuros empreendedores

Mindset DA INDÚSTRIA

As escolas do SESI oferecem educação infantil e ensinos fundamental e médio em 21 cidades de Santa Catarina. Mas não se trata de escolas comuns. As metodologias, inovações, ferramentas e abordagens educacionais utilizadas são capazes de despertar, desde a infância, vocações profissionais voltadas para a ciência, tecnologia e engenharia, áreas fundamentais para o desenvolvimento da indústria. Desde que foi inaugurada, em 2024, a Escola SESI de Referência de Joinville é o maior símbolo dessa abordagem revolucionária na educação básica em Santa Catarina.

A escola foi construída em um terreno contíguo ao centenário prédio do Moinho Joinville, uma indústria icônica da cidade que encerrou as atividades em 2013. O prédio e uma área de 56 mil metros quadrados foram adquiridos pela FIESC. Com investimentos de mais de R\$ 150 milhões, o Moinho foi restaurado e a escola foi erguida em mais de 25 mil metros quadrados de área construída. “A arquitetura dos prédios, com amplos espaços abertos, incentiva o florescimento e a troca de ideias e favorece a criatividade”, afirma Adriana Cassol, gerente de Educação do SESI e SENAI de Santa Catarina.

Escola SESI
de Referência
de Joinville



FOTOS: ARQUIVO FIESC

Pelo lado pedagógico, a escola de Joinville – assim como outras escolas de referência do SESI no Estado – se diferencia por uma série de novas abordagens na educação básica, como a metodologia STEAM, que integra Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática, estimulando criatividade, pensamento crítico e aprendizado dinâmico. Há ênfase especial na matemática, o ensino é bilíngue e baseado no desenvolvimento de projetos voltados a problemas reais. As salas de aula são colaborativas e os laboratórios com estrutura 4.0 permitem aos alunos colocarem a “mão na massa”, com a ajuda de professores com experiência na indústria e equipamentos como impressoras 3D, cortadora a laser, kits de robótica e *chromebooks* individuais.

Na Escola SESI Moinho, como também é conhecida, os alunos do ensino médio têm acesso a programas de iniciação científica e são incentivados ao empreendedorismo, com apoio para a criação de “indtechs”, que são startups de tecnologias digitais direcionadas ao setor industrial. Em 2023 uma Escola SESI de Referência com os mesmos padrões foi inaugurada em Itajaí, e em 2025 a unidade de Videira iniciou as atividades. Ainda em 2025 serão inauguradas as escolas de Brusque e Lages, e em 2026 será a vez de Jaraguá do Sul e Rio do Sul.

Para multiplicar resultados educacionais, as metodologias, ferramentas e expertises da Rede SESI são compartilhadas com escolas públicas de todo o Estado



SCHULZ

Força global, orgulho catarinense

Há mais de 60 anos, a Schulz S.A. leva inovação e excelência de Santa Catarina para o mundo.

De Joinville para mais de 70 países, somos líderes em compressores de ar na América Latina e referência mundial em soluções industriais para diversos setores automotivos, de máquinas agrícolas e de construção pesada - a chamada linha amarela.

Parabenizamos a FIESC pelos 75 anos impulsionando a indústria catarinense e inspirando histórias como a nossa.

Schulz S.A. – Orgulho de fazer parte da história e do futuro da indústria de Santa Catarina.



 @schulz.sa

 Schulz S.A.

www.schulzsa.com

Da assistência social à SAÚDE INTEGRAL

Trajетória do SESI/SC vai dos tempos de precariedade na indústria até o uso de alta tecnologia para elevar a saúde e o bem-estar dos trabalhadores com resultados para as empresas

Roberto Simonsen, primeiro presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), fundada em 1938, defendia que a indústria não deveria apenas produzir bens, mas também contribuir para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. Para ele, era essencial que houvesse uma preocupação genuína com o bem-estar dos trabalhadores e suas famílias, pois somente dessa forma a indústria poderia alcançar um crescimento sustentável e equilibrado. Partiu dessa premissa a criação do Serviço Social da Indústria (SESI), uma instituição voltada para promover a qualidade de vida dos trabalhadores e garantir acesso a serviços de saúde, educação e cultura.

Em Santa Catarina, o Departamento Regional do SESI começou a funcionar em 1952 e incorporou amplamente a tese de Simonsen. Logo passou a oferecer um serviço reembolsável de medicamentos, diante da dificuldade dos trabalhadores para comprar remédios. As compras eram feitas pelo SESI junto aos laboratórios, e os remédios repassados pela metade do preço de mercado. A iniciativa originou a rede de farmácias da entidade, atualmente denominada FarmaSesi, com 77 unidades. Logo se expandiam pelo Estado campanhas de higiene e de prevenção de doenças e atendimento médico e odontológico aos trabalhadores industriais.

Uma ação pioneira do SESI catarinense foi a assistência aos mineiros da região carbonífera no Sul do Estado nos anos 1950. Foi criado um serviço de visitaçào domiciliar associado a outros serviços que eram oferecidos na região. O trabalho de apoio às famílias era realizado pela ordem religiosa As Pequenas Irmãs da Divina Providência, contratada pelo SESI/SC. As irmãs se instalaram em Criciúma e em sua casa eram oferecidos serviços como enfermagem, assistência médica e farmacêutica.

Unidades do SESI foram instaladas nas principais cidades do Estado, tornando-se referência para os trabalhadores. Atividades de lazer e prática esportiva foram incorporadas em todos os núcleos regionais, com a realização de torneios, além de ações como a formação de bandas de música, parque infantil e bibliotecas, e o início da oferta de educação infantil com a criação de jardins de infância. Em 1967 foi montada uma rede de postos de abastecimento de alimentos, que deu origem a uma rede própria de supermercados, que seria desativada décadas mais tarde.



FOTOS: ARQUIVO FIESC



622.878
Número de pessoas atendidas em SST e saúde e bem-estar pelo SESI/SC em 2024





Criação do SESI partiu do princípio de que a preocupação genuína com o bem-estar dos trabalhadores e suas famílias está associada ao crescimento sustentável e equilibrado da indústria



FOTOS: ARquivo CULTURAL FIESC

Os investimentos em programas de saúde, educação e lazer também almejavam criar um ambiente de engajamento positivo no local de trabalho, buscando harmonizar interesses entre patrões e empregados e evitar conflitos e greves em momentos de alta tensão política no País. Posteriormente, a filosofia de atuação do SESI ganhou abrangência ao evoluir da assistência social para a promoção social em sentido amplo, com a oferta estendida de serviços de saúde, educação e alimentação – este serviço extrapolou as fronteiras de Santa Catarina e atualmente mantém mais de 100 restaurantes em empresas de 10 estados.

Nos anos 1990, uma nova vertente se abriu com a estruturação de serviços de Segurança e Saúde no Trabalho (SST), com programas e soluções voltadas à prevenção de acidentes, promoção da saúde e atendimento a exigências legais, como o Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional (PCMSO) e o Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), dentre outras normas editadas na época.

Quando a indústria produz, a comunicação propaga e Santa Catarina cresce.



A indústria e a radiodifusão sempre caminharam juntas.

A indústria inova e transforma enquanto o Rádio e TV divulgam informação e cidadania.

Unidas, conectam a sociedade e impulsionam o desenvolvimento de Santa Catarina.

Parabéns FIESC pelos seus 75 anos: parceira histórica da radiodifusão catarinense!

www.acaert.com.br

acaert
ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO



FOTOS: ARQUIVO FIESC



Restaurantes do SESI/SC
atualmente servem
113 mil refeições
por dia, e rede de farmácias
é composta por
77 unidades

Atualmente, a saúde em uma empresa é vista como fator de competitividade, por qualquer ângulo que se olhe. Na indústria, os gastos diretos com saúde representam a segunda maior despesa com pessoal, atrás somente da própria folha de pagamentos. Estudos modernos apontam que a maior parte dos custos totais das empresas com saúde é gerada pela baixa produtividade e o absenteísmo, que têm origem em doenças crônicas como hipertensão, diabetes e saúde mental. Pesquisas internacionais apontam alto retorno para investimentos na resolução de problemas como esses.

O estado da arte nessa abordagem é o desenvolvimento da plataforma Total Health pelo SESI catarinense. Ela parte do conceito de saúde integral, e se baseia em inteligência de dados para obter indicadores de apoio à gestão e na coordenação de cuidados para atender as necessidades dos trabalhadores de forma integrada e sincronizada.

Em sintonia com os programas de gestão da saúde das empresas, a plataforma entrega resultados como controle dos custos, melhores desfechos para os pacientes e aumento da satisfação dos trabalhadores. “O conceito de saúde integral parte da premissa de que a saúde deve ser tratada como um sistema, e não da forma fragmentada como era tratada até então”, afirma Fabrizio Machado Pereira, diretor de Educação, Saúde e Tecnologia da FIESC.

Liderança à altura dos desafios

Historicamente a FIESC tem papel de destaque nas crises enfrentadas pelo Estado, como as diversas enchentes que assolaram o Vale do Itajaí ao longo das últimas décadas. Na pandemia da Covid-19, iniciada em 2020, a FIESC exerceu uma liderança incontestável, essencial para que a economia catarinense sofresse menos que a média nacional e saísse fortalecida. A FIESC integrou o gabinete de crise montado pelo Governo e articulou medidas para proteger trabalhadores e manter a atividade industrial, com a adoção de protocolos para testes, o uso obrigatório de máscaras, distanciamento social, revezamento de turnos e medidas sanitárias rigorosas, além de desenvolver diretrizes para evitar surtos dentro das empresas.

Quando as vacinas começaram a surgir, a FIESC realizou campanhas de conscientização e disponibilizou sua infraestrutura para aplicação de doses em parceria com prefeituras e órgãos de saúde. Por meio do SESI e SENAI, envolveu-se diretamente na produção de EPIs e respiradores em parceria com indústrias e na fabricação e distribuição de álcool gel e equipamentos médicos. Além disso, atuou na capacitação para o trabalho remoto, digitalização de processos produtivos e na realização de consultorias e treinamentos para a adoção de protocolos sanitários.



ADOBESTOCK



Inclusão É FATOR ESTRATÉGICO

Além de gerar impacto social positivo, práticas inclusivas melhoram ambiente de trabalho nas empresas

A inclusão social de pessoas com deficiência ou reabilitadas esteve entre os objetivos da FIESC desde sua criação. Em 2018 um novo patamar foi atingido com a criação do Portal da Inclusão, uma plataforma gratuita que conecta pessoas com deficiência ou reabilitadas a oportunidades de emprego. Além de divulgar vagas em empresas cadastradas, o portal oferece informações sobre cursos, serviços e conteúdos relacionados à inclusão social.

Já o Programa SESI SENAI de Ações Inclusivas promove condições de equidade que respeitem a diversidade de gênero, etnia, gerações, deficiência e vulnerabilidade social. A FIESC também incentiva a formação de comitês de inclusão dentro das indústrias. As iniciativas incluem treinamentos, adaptações arquitetônicas e programas de sensibilização.

Outra forma de promover a inclusão é o estímulo à mobilização comunitária e de empresas para ações sociais conjuntas, unindo voluntários a projetos sociais. A FIESC também incentiva o financiamento de projetos sociais por meio de aportes do imposto de renda (projeto Fundo Social). O programa Reconecta estimula a volta de adultos aos estudos e oferece cursos rápidos de Língua Portuguesa e Matemática, para ajudar a recolocação no mercado de trabalho.

O Portal da Inclusão fechou 2024 com 461 vagas, 257 empresas e 1.116 currículos cadastrados



Inclu_Tech 2024, realizado na FIESC

Do risco à oportunidade

Crianças e adolescentes que vivem em serviços de acolhimento em Santa Catarina têm perspectivas muito melhores desde 2013, quando foi criado o programa Novos Caminhos, uma parceria entre a FIESC, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) e a Associação dos Magistrados Catarinenses (AMC). A Justiça destina jovens aos lares provisórios por medida de proteção contra situações de risco como violência doméstica, morte dos pais ou abandono dos responsáveis. Porém, ao completar 18 anos eles devem deixar os locais.

É aí que entra o trabalho do SESI e do SENAI, que promovem a escolarização e formação profissional, além de oferecer atendimentos psicológicos e odontológicos, ao longo do período de acolhimento. A empregabilidade é garantida por meio da articulação com empresas parceiras para viabilizar emprego e estágio. Desde sua criação, o Novos Caminhos atendeu mais de 7,5 mil crianças, adolescentes e jovens, realizando 14,7 mil matrículas em cursos de educação básica e profissionalizantes até o final de 2024. Os empregos gerados somaram 1,7 mil. O sucesso em Santa Catarina inspirou a adoção em cinco estados brasileiros, e outros 11 estão em tratativas para a implantação.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Em 2024 e 2025 a FIESC promoveu duas edições do Inclu_Tech, um evento em formato inédito que reúne indústrias, especialistas e lideranças para discutir caminhos práticos para tornar os ambientes corporativos mais acessíveis. As conclusões são de que a inclusão não é apenas uma pauta social, mas um fator estratégico para a produtividade e o engajamento nas empresas. Dados apresentados por especialistas reforçam que empresas que investem em inclusão registram maior satisfação dos colaboradores e melhores resultados. Além do impacto social positivo, as práticas inclusivas geram um ambiente de trabalho mais colaborativo e impulsionam a criatividade na resolução de problemas.



FABRÍCIO DE OLIVEIRA

gtsdobrasil.ind.br



CONSTRUINDO UM LEGADO DE ALTA PERFORMANCE PARA O AGRO.

Nascida na Serra Catarinense, presente no agro a nível mundial!

Há 25 anos, a GTS transforma sonho, amor, conhecimento, dedicação em tecnologia e alta produtividade.

Cada implemento é pensado para fortalecer o legado de quem cultiva a terra e faz o agro acontecer!

GTS, há 25 anos transformando sonhos em realidade e transbordando o bem na vida das pessoas de Lages, SC, Brasil e mundo!



Indústria, SUBSTANTIVO FEMININO

As mulheres ocupam um a cada três empregos no setor industrial catarinense e estão à frente de várias empresas que se destacam no cenário nacional

Em 1922, viúva e com dois filhos pequenos, **Johanna Altenburg** (1882-1970) começou a pensar em alternativas para gerar renda. Teve a ideia de fabricar acolchoados artesanais, usando penas, fibra de algodão e lã de carneiro como matérias-primas. Instalou a oficina em um galpão anexo à própria casa, em Blumenau. Logo percebeu que se tratava de um negócio promissor, pois, graças à propaganda boca a boca, vendia rapidamente tudo o que produzia.



Com a ajuda de outras mulheres da família e das primeiras funcionárias, a empresa batizada com o sobrenome da empreendedora cresceu rapidamente. A produção, inicialmente 100% manual, foi sendo aos poucos aprimorada e diversificada com a adoção de máquinas de costura e de outros equipamentos. Hoje, com mais de um século de trajetória e consolidada como referência em artigos de cama, banho e decoração, a Altenburg é liderada por Tiago Altenburg, bisneto de Johanna.

A empreendedora foi uma das pioneiras da indústria catarinense e, fato talvez ainda mais relevante, foi uma das pioneiras do protagonismo feminino no setor. Ao celebrar os avanços conquistados nas últimas décadas, é preciso evocar o papel fundamental de mulheres que, muitos anos atrás, demonstraram grande capacidade de realização sob condições adversas. Além da “estranheza” por ocuparem posições até então restritas aos homens, as pioneiras tiveram que conciliar os desafios do empreendedorismo com as demandas familiares. Nem tudo foi superado, entretanto.

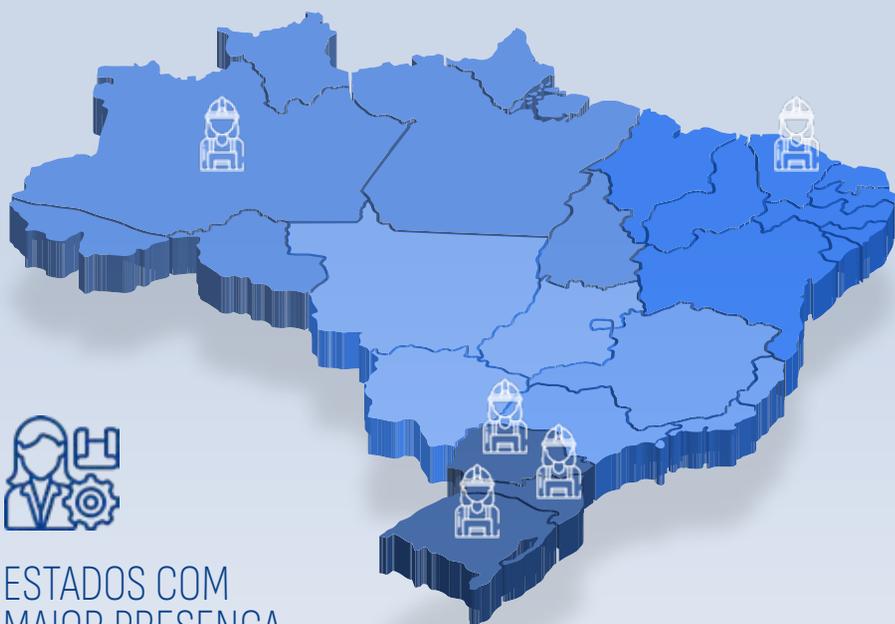


ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERRERA DA SILVA

Santa Catarina é o estado com mais mulheres na indústria, sendo que dois setores chegam a ter a maioria da força de trabalho composta por mulheres: Têxtil, confecção, couro e calçados (62%) e Fármacos (53,3%)



DIVULGAÇÃO



ESTADOS COM MAIOR PRESENÇA DE MULHERES NA INDÚSTRIA*

Posição	Estado	Mulheres
1	SC	33,3%
2	RS	31,1%
3	PR	28,8%
4	CE	28,3%
5	AM	26,8%

Total Brasil 25%

(*) Inclui o setor de construção
Fonte: Observatório FIESC

“Muitas vezes, as mulheres ainda precisam provar sua capacidade mais do que os homens para serem reconhecidas”, diz Dayane Titon, a Day, 43 anos, o “rosto” da Baly, fabricante de energéticos sediada em Tubarão. Com vendas mensais acima de 10 milhões de litros, a empresa cresceu 50% no ano passado e assumiu a segunda posição no ranking brasileiro do segmento, com 26% do mercado, à frente da austríaca Red Bull e à caça da líder, a norte-americana Monster. Essas conquistas se devem, em grande parte, ao trabalho da diretora comercial e de marketing, que compartilha com o irmão, Mario Júnior, a gestão do negócio.

Superando preconceitos e outras adversidades, as mulheres são destaque na indústria catarinense, sejam elas as empresárias citadas nesta reportagem (leia os destaques a seguir) ou as 301.763 mulheres que trabalham em organizações industriais do Estado, de acordo com dados levantados pelo Observatório FIESC. Isso equivale a 33,3% dos empregos industriais do Estado, o que transforma a indústria catarinense na mais feminina do Brasil – a média nacional é de 25%.

Realizando sonhos

Rita Cassia Conti construiu uma das principais fabricantes de pijamas do País, a Mensageiro dos Sonhos, fundada há quase três décadas em Brusque. Mesmo com uma história repleta de realizações, já teve que passar por situações de puro preconceito. Um exemplo: ao receber a visita de um fornecedor asiático de fios, ela ouviu como primeira pergunta se aquela empresa, tão bem estruturada, havia sido recebida como herança ou fundada pelo marido dela. “Quando respondi que eu era a empreendedora, ele se levantou e fez uma reverência”, conta a líder da Mensageiro dos Sonhos.

Da produção média de 700 mil peças por mês, dois terços são destinados à marca própria e o restante é fornecido para grandes redes ligadas ao segmento, como Lupo e DeMillus. Instalada numa área de 21 mil metros quadrados, a Mensageiro dos Sonhos tem 230 funcionários e mobiliza 800 prestadores de serviços – 80% dessa força de trabalho é composta por mulheres, que ocupam posições estratégicas na empresa. Alguns exemplos são Patrícia Conti, irmã mais nova de Rita e colaboradora desde os primeiros tempos; Daniella Soares, diretora financeira, com mais de 20 anos de casa; e Alexandra Ristow, diretora de compras de suprimentos, em quem Rita viu grande potencial depois de conhecê-la como manicure.



FOTOS: DIVULGAÇÃO





Celebrando gerações

Mais do que liderar uma empresa com 80 anos de existência, Micheli Poli Silva foi responsável por uma guinada nos negócios do Grupo Jurerê, especializado em cafés especiais. Hoje, a produção de 80 toneladas por mês é dividida entre as marcas próprias e o fornecimento para grandes varejistas. Essa combinação levou a receita da empresa a crescer 74% nos últimos dois anos.



DIVULGAÇÃO

Micheli é neta de Gentil Silva – que, em 1945, incluiu o café entre as lavouras que cultivava no Vale do Rio Tijucas. Quando o negócio do café entrou em crise, decorrência da queda dos preços, Micheli assumiu o comando. Decidiu que a melhor estratégia seria abandonar o mercado de *commodities*. “Não adiantava mais lutar pelo volume de vendas, e sim pelo aumento da margem de lucro”, lembra. O novo direcionamento levou à aquisição, em 2011, da marca de cafés especiais Jurerê, que já tinha mercado consolidado na região de Florianópolis.

O lançamento recente da linha Gerações celebra a história do negócio: são sete tipos de cafés, cada um deles dedicado a um membro da família – avô, avó, pai, mãe e as três irmãs. “O café do meu avô, por exemplo, tem notas de laranja, tangerina e limão, porque nos lembramos dele nos ensinando a descascar frutas com um canivete antigo”, descreve Micheli.



PARABÉNS, FIESC!

Celebramos com orgulho os 75 anos da FIESC, símbolo da força e do desenvolvimento da indústria catarinense.

Santa Catarina cresce com o trabalho e a união de quem constrói o futuro. O cooperativismo catarinense se sente honrado em fazer parte deste ambiente de inovação e progresso que impulsiona o nosso estado.

Desde 1966, a inovação nos move.

"Uma das coisas mais bonitas que uma indústria pode conquistar se chama: credibilidade. E são muitas histórias que a gente tem para contar essa conquista." Ingo Fischer

1965 – Nasce uma pequena oficina de consertos de bicicletas, fundada pelo Sr Ingo Fischer. Aos poucos os irmãos se unem ao negócio, adicionando seus esforços e talentos à empresa.



Sócios fundadores: Norival, Egon (in memorian), Ingo, Nivert (in memorian) e Edemar

Hoje – A Fischer é líder na produção de fornos e cooktop no Brasil, e referência nas categorias de atuação. Um trabalho pautado em inovação, confiança e credibilidade.



Década de 90 - Mudança total da produção para a Rodovia Antônio Heil.



Anos 2000 - Primeira indústria brasileira a produzir um cooktop 100% nacional e soluções de produtos de embutir.



Década de 70 - Auge da fabricação de máquinas para a **indústria pesqueira, suínos e aves**. Início da produção de fornos elétricos.



Final da década 70 e início de 80 - Lançamento das primeiras linhas de produção de fornos elétricos e carrinhos de mão.



Anos 2010 - Início do **SISTEMA CONSTRUTIVO MODULAR**. Fischer a primeira a trazer esta tecnologia para o Brasil.



Eletrodomésticos



Construção Civil



Sistema Construtivo Modular



Fischer

EMPREENDEDORES inventivos

Empresas catarinenses usaram crises como trampolim para inovar e prosperaram muito tempo antes de o tema se tornar política pública no Brasil

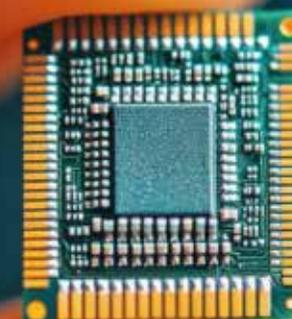
Foi o austríaco Joseph Schumpeter (1883-1950) quem colocou a inovação tecnológica no centro da arena do capitalismo. Suas ideias apontaram as inovações como as responsáveis por romper estados de equilíbrio da economia, através da introdução de novos bens, a exploração de formas originais de produzir ou vender um produto ou a descoberta de novas matérias-primas, impulsionadas com o protagonismo de empresários empreendedores. Esse tipo de disrupção, popularizada por Schumpeter com o nome de “destruição criativa”, era capaz de abrir mercados novos e prósperos ao mesmo tempo que levava à obsolescência negócios e produtos ligados ao ciclo que se encerrava.



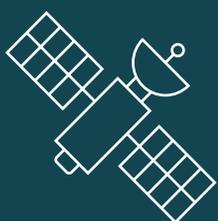
Mesmo em países com desenvolvimento tardio do capitalismo como o Brasil, sobram exemplos do efeito transformador da inovação. Em Santa Catarina, inovações ajudaram a transformar negócios de pequeno e médio porte em grandes corporações. A interrupção das exportações de conexões hidráulicas para encaamentos para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial fez com que os responsáveis por uma pequena fundição em Joinville investigassem e adaptassem a fórmula de produção do ferro maleável – foi a partir desse feito que a Fundição Tupy passou a abastecer o mercado nacional. No mesmo período, com as restrições a importações de máquinas e equipamentos, a Budemeyer aprendeu a fabricar teares mecânicos, tornando-se fornecedora da indústria têxtil nacional e garantindo a sobrevivência.

“Internalizar inovações nas manufaturas, por meio de produtos desenvolvidos com incorporação de novos conhecimentos, gera saltos de produtividade e a possibilidade de captura de novos mercados”

Gustavo Leal
diretor-geral do
SENAI Nacional



FOTOS: ADREBESTOCK





FOTOS: ACERVO CULTURAL FIESC

Inauguração e evolução da Embraco, empresa das mais inovadoras de Joinville, e Gustavo Leal (página ao lado): destruição criativa aos olhos de todos

A Embraco, criada em Joinville por três fabricantes de refrigeradores, desenvolveu compressores inovadores que diminuíram em 50% o consumo de eletricidade de geladeiras e transformaram a empresa numa gigante mundial. As inovações de impacto não se limitaram ao desenvolvimento de produtos. Em 1957, a Perdigão comprou um avião DC-3 com capacidade de 3 mil quilos de carga e deu um salto ao conseguir fornecer seus produtos perecíveis rapidamente para o mercado consumidor de São Paulo. A Sadia, então sua concorrente, adotou a mesma estratégia – seu braço no transporte aéreo se tornaria uma das principais empresas de aviação do País nos anos 1970 e 1980, a Transbrasil.



FILIPPE SCOTTI

O pensamento de Schumpeter foi postulado entre as décadas de 1910 e 1930 e, desde então, a inovação nunca mais deixou de ser um ingrediente importante no debate sobre desenvolvimento econômico. No Brasil, o advento de legislações como a Lei de Inovação (2004) e a Lei do Bem (2005) aproximou o setor produtivo do conhecimento gerado nas universidades brasileiras e buscou estimular as empresas a ampliar seu volume de inovação aperfeiçoando mecanismos de financiamento público.

“Nas últimas décadas, políticas industriais dos países passaram a andar de mãos dadas com as políticas de inovação”, diz Gustavo Leal, diretor-geral do SENAI Nacional. Atualmente, o advento das tecnologias digitais e as promessas da inteligência artificial promovem ‘destruições criativas’ aos olhos de todos. “A sociedade hoje é a sociedade do conhecimento. Internalizar inovações nas manufaturas, por meio de produtos desenvolvidos com incorporação de novos conhecimentos, com as tecnologias digitais, gera saltos de produtividade e a possibilidade de captura de novos mercados.”

Habitat de Manufatura Avançada

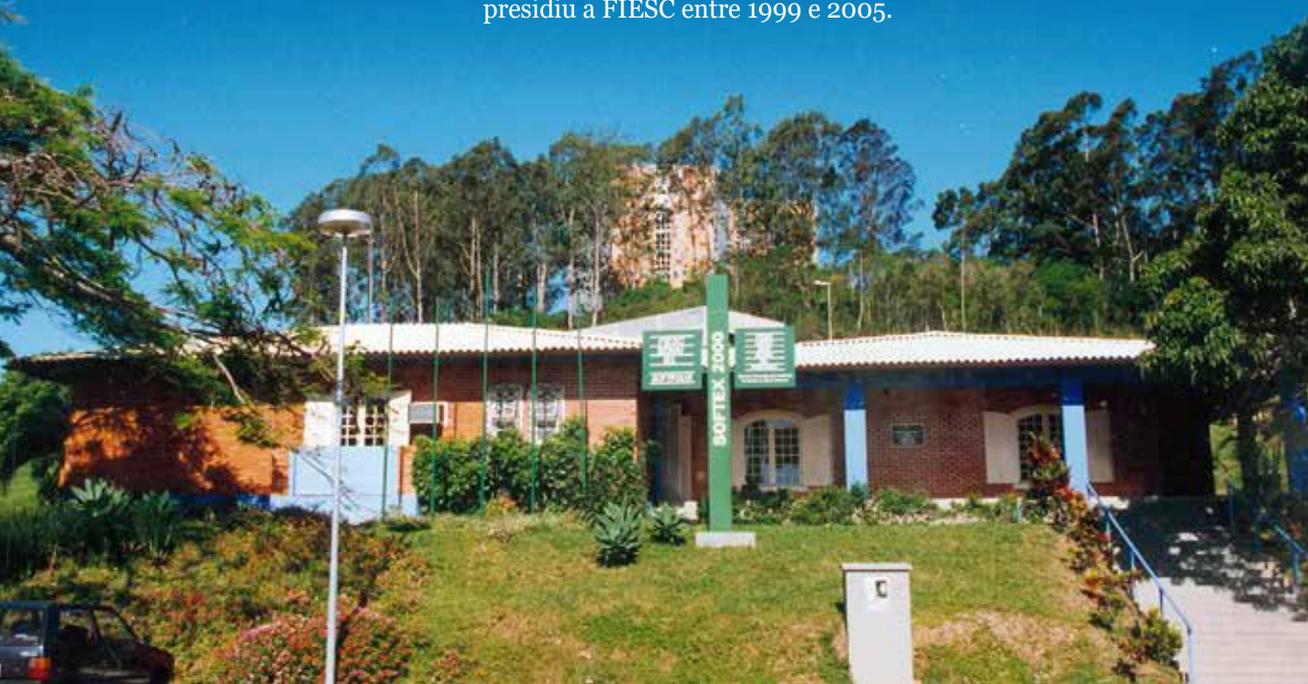
Ambiente mantido pela FIESC em Joinville conecta institutos de pesquisa, universidades, centros de ensino tecnológico, empresas e startups para fomentar a criação de soluções inovadoras para a indústria

CONTRIBUIÇÕES ao ecossistema

Com ações pioneiras em software, Tecnologia da Informação e Comunicação e Centros de P&D, a FIESC ajudou a consolidar polo estadual de inovação e tecnologia

A FIESC tem cumprido um papel central no suporte à inovação e à difusão de tecnologia em Santa Catarina. Em 1994, o IEL catarinense criou em Florianópolis o pioneiro Softpolis, Laboratório de Desenvolvimento de Software. Em 1998, foi inaugurado o Micro Distrito Industrial de Base Tecnológica de Joinville (Midville), uma incubadora da FIESC em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Iniciativas semelhantes foram realizadas em Criciúma e Chapecó nos anos seguintes.

Outra iniciativa com resultados importantes foi o programa Plataforma da Tecnologia da Informação e Comunicação de Santa Catarina (Platic), que começou a ser executado em 2004 sob coordenação do IEL/SC. Foi desenvolvido um conjunto de ferramentas para padronização de processos e produtos de software e qualificação para as empresas. A FIESC também apoiou a Associação Catarinense de Tecnologia (Acate), cujo fundador e primeiro presidente foi José Fernando Xavier Faraco, que presidiu a FIESC entre 1999 e 2005.



Softpolis (página ao lado) e Midville: iniciativas dos anos 1990 integraram o nascente ecossistema de inovação que atualmente é consolidado em SC

A partir dos anos 1990 a FIESC criou, por meio do SENAI, um conjunto de centros de tecnologia para apoiar a capacitação de recursos humanos em setores industriais fundamentais para a economia do Estado, como eletrometalmecânico, informática e automação, cerâmicas, alimentos e vestuário. Hoje, eles compõem a rede nacional dos Institutos SENAI de Tecnologia, que prestam serviços e consultorias a empresas e promovem avaliação de qualidade e conformidade.

Esse tipo de apoio se sofisticou na década passada e deu origem aos Institutos SENAI de Inovação (ISI), cujas equipes de pesquisadores oferecem a empresas ferramentas para criar novos produtos e serviços, transformar os modelos de negócio e ampliar sua competitividade. Três desses centros são sediados em Santa Catarina. Além de realizar pesquisa aplicada, os Institutos abrigam estruturas como o LabFaber, da Fundação Certi, que é um laboratório-fábrica voltado ao desenvolvimento, domínio, prática e difusão de soluções avançadas para a transformação digital dos parques fabris.



FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC

O SENAI/SC foi reconhecido como o melhor do País em 2024 pelo SENAI Nacional, pelo desempenho em indicadores como qualidade da educação e performance dos Institutos de Inovação e Tecnologia



FOTOS: DIVULGAÇÃO

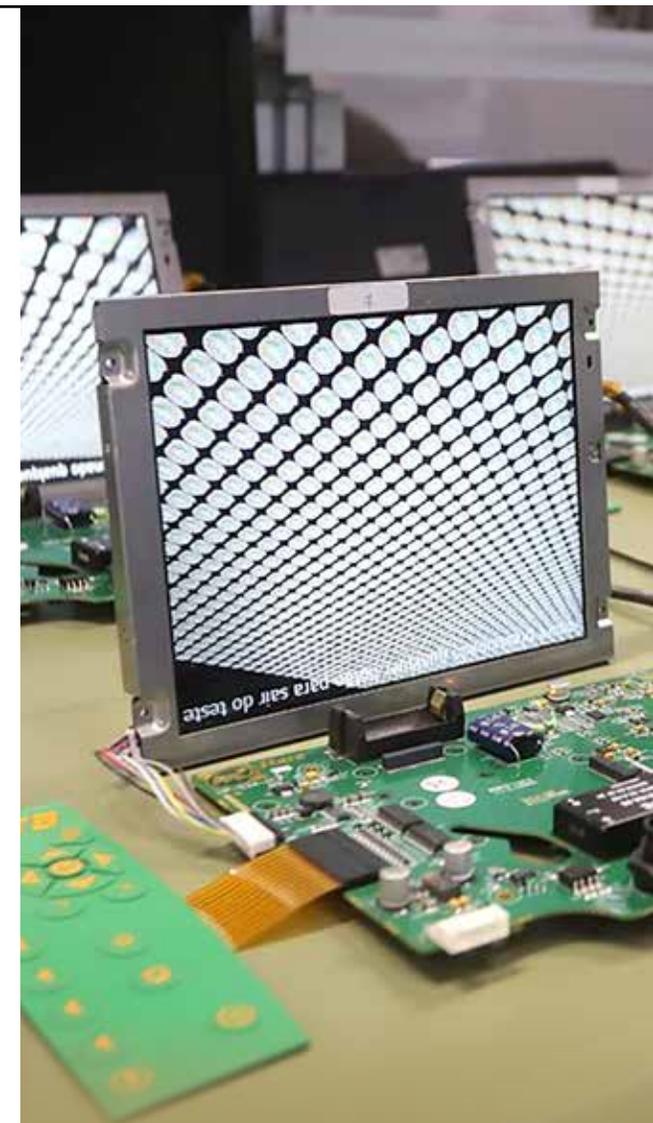
O LabFaber é um laboratório-fábrica voltado ao desenvolvimento, domínio, prática e difusão de soluções avançadas para a transformação digital dos parques fabris. Está localizado no Instituto da Indústria de Florianópolis, mantido pela FIESC



Todas essas contribuições ajudaram a tornar o ecossistema catarinense de inovação robusto e complexo. Ecossistemas de inovação são ambientes nos quais universidades, institutos de pesquisa, governos, empresas e o setor financeiro atuam em conjunto e em uma direção convergente, permitindo que o conhecimento se desenvolva, resulte em aplicações e produza riqueza.

Além das estruturas da FIESC, o ecossistema catarinense conta com mais de 1,3 mil startups, sete parques de inovação e 17 campi de universidades públicas espalhados pelo território do Estado. De acordo com o Mapeamento do Ecossistema Brasileiro de Startups 2024, Santa Catarina acumula 8,5% das startups brasileiras, atrás apenas de São Paulo e Minas Gerais. Outro levantamento aponta que o Estado possui o maior índice do País de startups em relação à população.

Segundo um relatório lançado em 2021 pela Associação Catarinense de Tecnologia, o número de empresas de tecnologia no Estado cresceu 63% entre 2015 e 2020, quando chegou a 17,7 mil empresas que faturaram R\$ 19,8 bilhões (o equivalente a 6,1% do PIB catarinense). Muitas dessas startups e empresas de tecnologia atuam em parceria nos projetos coordenados pelos Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia.



A rede de Inovação FaberUp, do IEL/SC, que conecta atores do ecossistema e fortalece o networking conta com cinco espaços em SC e mais de 300 empresas participantes

Saúde High-Tech

O Centro de Inovação SESI – Inteligência para Gestão em Saúde (CIS-Inteli) tem como propósito contribuir para a competitividade da indústria e a saúde das pessoas, apoiando decisões em saúde no contexto empresarial. Para isso, coleta, analisa e utiliza dados para gerar pesquisas, insights e soluções, como publicações, *dashboards*, softwares e algoritmos, auxiliando na saúde e produtividade de negócios em Santa Catarina e no Brasil. A abordagem envolve o desenvolvimento, junto às empresas, de um ambiente criativo e dinâmico, impulsionado pelo suporte tecnológico e por uma equipe multidisciplinar dedicada. Por meio da cocriação com as indústrias, são desenvolvidas soluções personalizadas que atendem às demandas específicas do setor na área de saúde e segurança.

Criado como CIS – Tecnologias para Saúde (CIS-Tech) em 2016, em Florianópolis, com foco em tecnologia, o CIS-Tech evoluiu para CIS-Inteli, fazendo uso de dados para o desenvolvimento de pesquisas e novas tecnologias, promovendo decisões que melhorem a saúde dos colaboradores da indústria e seus dependentes, proporcionando uma excelente experiência no cuidado e controle da escalada dos custos assistenciais, além de oferecer consultorias e capacitações em Inteligência e Gestão em Saúde.



ADOBE STOCK

ARQUIVO FIESC



Líder em *Fixadores* na América Latina

A Ciser se destaca pela presença em grandes obras, projetos inovadores e soluções técnicas aplicadas globalmente nos mais variados segmentos, como construção civil, energia, automotivo, industrial, agrícola, moveleiro, óleo, gás e outros.

Presente em 25 países, a empresa oferece soluções a mais de 20 mil clientes.

Reconhecida por sua confiabilidade, inovação, eficiência e diferenciação, a Ciser conquistou, ao longo de sua trajetória, inúmeros prêmios e reconhecimentos — reflexo do valor que entrega ao mercado.



Conheça nosso portfólio completo!

Siga nas redes sociais:





O TRIO QUE FAZ A INDÚSTRIA decolar

Produzindo robôs engenhosos,
satélites inovadores ou
componentes críticos,
Institutos SENAI de Inovação
redefinem patamar
tecnológico do setor industrial

Três centros de pesquisa, desenvolvimento e inovação sediados em Santa Catarina tornaram-se referência para indústrias do Estado e do País ao oferecer ferramentas para criar novos produtos e serviços, transformar os modelos de negócio e ampliar sua competitividade. Criados há pouco mais de uma década, os Institutos SENAI de Inovação (ISI) em Sistemas Embarcados, em Florianópolis, e os de Manufatura Avançada e de Processamento a Laser, em Joinville, já realizaram projetos em parceria com mais de uma centena de empresas, com resultados robustos em tecnologias que vão da robótica aplicada a atividades de risco para seres humanos até a impressão em 3D de peças de reposição e componentes com geometria complexa, ou ainda o uso da inteligência artificial na transformação digital de empresas.

Instituto da
Indústria de
Joinville, que abriga
dois Institutos de
Inovação, vai dobrar
de tamanho



R\$ 377,7 milhões

Carteira de projetos de inovação dos Institutos SENAI em 2024



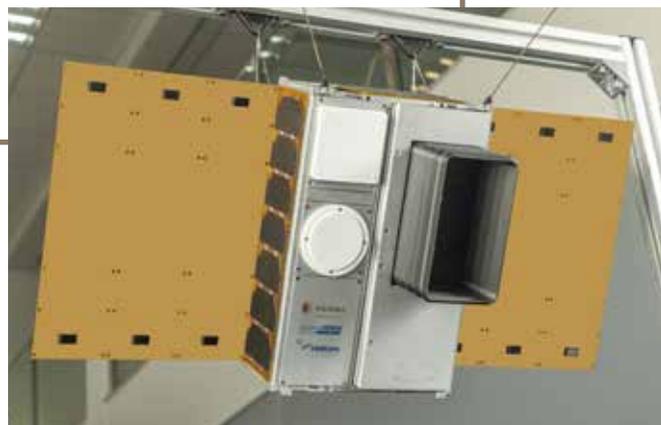
Os três ISI fazem parte de uma rede nacional de 28 institutos criados para suprir demandas avançadas da indústria brasileira – o modelo foi inspirado na Sociedade Fraunhofer, da Alemanha, uma rede de 72 institutos com foco em pesquisa aplicada que é conhecida pela interação com o segmento industrial. “Os ISI foram concebidos para ter abrangência nacional e atuar, cada um, em uma área de competência que tangencia diferentes segmentos industriais”, afirma Gustavo Leal, diretor-geral do SENAI Nacional. “A operação dos institutos de Santa Catarina são referência de excelência da rede. Como o Estado é muito desenvolvido industrialmente, eles têm conseguido internalizar as demandas locais e participar ativamente em demandas identificadas nacionalmente por meio de projetos estruturantes.”

A inteligência artificial é um fio condutor das atividades do ISI em Sistemas Embarcados desde que ele foi criado em 2012. “Trabalhamos para promover uma simbiose da Pesquisa e Desenvolvimento [P&D] com a realidade industrial e garantir que a aplicação da tecnologia resulte em valor”, diz Paulo Violada, pesquisador-chefe do Instituto. Um dos resultados alcançados foi o desenvolvimento de algoritmos para monitorar lavouras por meio da análise de imagens de satélites. Essa vertente evoluiu para uma parceria com a Visiona Tecnologia Espacial, joint venture entre a Embraer Defesa & Segurança e a Telebras, na criação do nanossatélite brasileiro de observação da Terra e coleta de dados VCUB, que ficou quase dois anos em órbita e registrou quase 500 mil quilômetros quadrados de imagens.

FOTOS: ADOBESTOCK

Atualmente, o Instituto está mobilizado para o lançamento de nanossatélites da Constelação Catarinana, programa criado pela Agência Espacial Brasileira (AEB), que se propõe a criar uma rede de comunicação de dados satelitais nacional. Os dois primeiros devem ser lançados neste ano, um com o SENAI e outro com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Estamos trabalhando no desenvolvimento de comunicação definida por software, coleta de dados de solo, sensores terrestres e sensores satelitais, integração, testes e validação, controle de painéis solares, entre outros”, afirma Paulo Violada.





FOTOS: DIVULGAÇÃO

Com projetos como o desenvolvimento de satélites, Institutos de Inovação de Santa Catarina conseguem internalizar demandas locais da indústria e também participar de projetos estruturantes em âmbito nacional

O engenheiro mecânico Luís Gonzaga Trabasso, pesquisador-chefe dos dois centros de Joinville – os ISI em Sistemas de Manufatura e de Processamento a Laser –, afirma que a robustez da carteira de projetos das instituições permitiu que elas se tornassem sustentáveis. Cada um dos dois institutos de Joinville conta com 50 pesquisadores. “Hoje, todos os nossos custos, dos salários dos pesquisadores ao consumo de água e energia e despesas com segurança, vêm dos projetos, e nos preparamos para crescer”, conta.

O limpador de dutos

Um dos projetos do Instituto SENAI de Inovação em Sistemas Embarcados é o robô Annelida, desenvolvido para desobstrução de dutos. A partir de um sistema que mimetiza a estratégia de movimentação das minhocas (anelídeos), o robô entra no duto e percorre o seu interior até o ponto de obstrução, onde remove a obstrução por meio de uma reação química. O projeto, uma parceria com a Petrobras, os Institutos SENAI de Inovação em Polímeros e Sistemas de Manufatura, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade de São Paulo (USP) e a empresa Upsensor Tecnologia, está em fase de testes em ambiente controlado e deve ser levado para a operação *offshore* no próximo ano.

“É o nosso projeto com maior impacto econômico. Tem um potencial de economia de bilhões de reais que hoje são gastos na substituição de dutos danificados e lucros cessantes decorrentes da interrupção de operações. Imagine desobstruir rapidamente e sem riscos à segurança das pessoas o duto de uma linha de extração de petróleo que produz milhares de barris por dia”, diz Paulo Violada, pesquisador-chefe do Instituto.





DIVULGAÇÃO

Os Institutos SENAI de Inovação de Santa Catarina são autossustentáveis, com todos os custos sendo cobertos pela carteira de projetos

Ele se refere ao projeto de expansão da área construída, de 8 mil para 15 mil metros quadrados, impulsionado principalmente por parcerias com a Petrobras no campo da robótica para minimizar riscos operacionais. Os pesquisadores da instituição desenvolvem, por exemplo, robôs escaldadores para fazer manutenção e pintura de plataformas de petróleo e outros talhados para limpar tubulações e cascos de navios.

Um dos frutos dessa vertente mecatrônica é o robô snake (cobra, em inglês), que tem mobilidade muito superior à dos robôs que imitam os homens. Desenvolvido em parceria com a General Motors, é um modelo articulado e flexível, capaz de chegar a locais de acesso complicado ou com espaço restrito, cumprindo tarefas como levar ferramentas, inspecionar soldas e aplicar selantes. “Qual vai ser o nosso próximo robô? Não sei. Vai depender da próxima necessidade real que aparecer. Desenvolvemos os robôs de acordo com as demandas da indústria”, diz o pesquisador-chefe.

Os institutos de Santa Catarina também atuam em projetos conjuntos com os de outros estados. A Boia Remota de Avaliação de Ventos Offshore (Bravo), por exemplo, foi criada pelo ISI em Sistemas Embarcados, em parceria com a Petrobras e o ISI em Energias Renováveis, do Rio Grande do Norte, para medir a velocidade e direção dos ventos em plataformas em alto-mar. O projeto MagBras, voltado para criar uma cadeia produtiva de terras raras no País, envolveu os institutos de Joinville e o Instituto de Terras Raras, de Minas Gerais.



DIVULGAÇÃO

Balé tecnológico

No Instituto SENAI de Inovação em Processamento a Laser, em Joinville, uma das tecnologias exploradas é a de manufatura aditiva, que permite fabricar e fornecer rapidamente peças de reposição e componentes críticos para a indústria, mas já foi usada em aplicações fora do escopo industrial. Em 2024, uma estátua em aço de uma bailarina em escala real foi impressa pelo ISI e presenteada para ornamentar uma praça de Joinville. O projeto de impressão em 3D, que utilizou pó metálico importado da Suécia, foi feito a partir de escaneamento da silhueta de uma bailarina nascida na cidade, Thais Diógenes, que em 2011 se formou na Escola do Teatro Bolshoi no Brasil e hoje atua na Ópera de Kazan, na Rússia.



Redes de ALTA PERFORMANCE

Com sete Institutos de Tecnologia, laboratórios de ponta e universidade, SENAI/SC leva eficiência e tecnologia para o dia a dia da indústria

Instituto SENAI de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, em Chapecó

FOTOS/ARQUIVO FIESC



Os Institutos SENAI de Inovação estão integrados a um sistema bem mais amplo de apoio à indústria, que reúne 59 Institutos SENAI de Tecnologia, sete deles em Santa Catarina, com foco em serviços e consultorias de caráter mais específico, como avaliação de qualidade e conformidade, e também o UniSENAI, que atua na formação de nível superior de recursos humanos especializados. Em 2023, esse sistema sediado em Santa Catarina foi responsável pelo atendimento a 157 empresas, em projetos de pesquisa aplicada, e por 998 consultorias. “Trata-se de uma rede a serviço da indústria, que entrega produtividade, sustentabilidade, desenvolvimento de novos produtos e modelos de negócio e formação de talentos”, afirma Mauricio Capra Pauletti, gerente executivo de Inovação e Tecnologia do SENAI/SC.

O foco dos Institutos de Tecnologia é mais restrito do que o dos de Inovação: o objetivo deles é aperfeiçoar produtos e melhorar a eficiência em processos industriais por meio de consultorias e serviços tecnológicos, sendo uma poderosa rede difusora de tecnologia para as empresas do Estado. “Os Institutos de Tecnologia trabalham mais com questões do dia a dia das empresas e têm um caráter setorial, atuando de acordo com as vocações econômicas das regiões em que estão inseridos”, diz Alceri Schlotfeldt, gerente de Serviços Tecnológicos dos Institutos SENAI de Tecnologia em Santa Catarina. “Os do Estado catarinense, por exemplo, atuam em áreas como alimentos e bebidas, cerâmica, madeira e mobiliário, indústria têxtil.”

567,5 MIL
Ensaio
metrológicos
realizados
pelos
Institutos
SENAI
em 2024



FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC

39,2%
Aumento médio de produtividade nas empresas atendidas pelas consultorias do SENAI em 2024

Os consultores apoiam as empresas em projetos para descarbonizar e melhorar o desempenho e a produtividade de suas linhas de produção. Também dispõem de uma grande rede de laboratórios de metrologia, que fazem ensaios e calibrações necessários para o controle de qualidade e a conformidade de produtos das indústrias. “Se, por exemplo, uma empresa exporta para os Estados Unidos e muda uma normativa relacionada a seu produto lá fora, nós a ajudamos fazendo ensaios que atestem a conformidade com a regra”, explica Schlotefeldt. Em 2023, os serviços de metrologia dos institutos de Santa Catarina atenderam 3.415 empresas.

Um dos bons exemplos da funcionalidade dos Institutos de Tecnologia é a implantação em Santa Catarina do programa Brasil + Produtivo, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Consultorias de



baixo custo para implementação de metodologias avançadas em centenas de pequenas empresas proporcionaram ganhos médios de produtividade de 42%, além de redução de retrabalho de 59% na primeira etapa do programa, entre 2014 e 2017. Em 2024 o programa atendeu 337 micro, pequenas e médias empresas, e as consultorias focaram em manufatura enxuta, eficiência energética e transformação digital.

O Brasil + Produtivo foi implantado pela unidade de Itajaí, que desenvolveu a metodologia e capacitou mais de 500 consultores que participaram do programa em todo o País. Também em Itajaí, o atualmente denominado Instituto SENAI de Tecnologia em Excelência Operacional passou a oferecer serviços de simulação computacional, que envolve aplicação de algoritmos e estruturação de dados para modelar operações reais em ambiente virtual, apoiando a reorganização e expansão de ambientes fabris com ganhos significativos de qualidade e economia.

Já o UniSENAI, centro universitário que forma engenheiros e tecnólogos, destaca-se na preparação de recursos humanos talhados para as necessidades da indústria. Um exemplo de parceria foi o curso de pós-graduação de dois anos que a instituição criou com a Tupy, de Joinville, voltado para colaboradores da empresa. Trata-se de um MBI (Masters in Business Innovation) em Fundação 4.0, com disciplinas sobre automação e digitalização industrial aplicadas ao segmento da fundição.



Evolução dos Institutos de Tecnologia atendeu às demandas por serviços tecnológicos dos principais setores industriais de Santa Catarina

PAVIMENTANDO o futuro

Criação da FIESC esteve associada a um salto na infraestrutura do Estado, que sustentou a expansão da indústria. Porém, dificuldades técnicas e políticas prejudicaram a continuidade dos investimentos

Em dezembro do ano passado, a FIESC divulgou uma estimativa de investimentos necessários, para o próximo quadriênio, para adequar a infraestrutura de transportes de Santa Catarina à atividade industrial catarinense presente e futura. O total calculado – quase R\$ 55 bilhões, mais de 70% deles para obras rodoviárias – revela o tamanho do atraso com que o setor precisa lidar todos os dias. Tal adversidade não é, nem de longe, fato novo: desde os primeiros esforços industriais do Estado, ainda no final do século 19, a batalha por melhores condições para se manterem competitivos, gerar empregos e crescer faz parte da vida de inúmeros empreendedores catarinenses.



Além da questão da mobilidade, outros tipos de demandas essenciais para o processo fabril, como energia elétrica, comunicação, fornecimento de água e saneamento sempre tiveram de ser conquistados através de grandes esforços conjuntos – muitos dos quais a FIESC tomou parte de forma ativa. Uma das principais motivações para a criação da entidade, 75 anos atrás, foi a busca por uma infraestrutura condizente com o intenso crescimento industrial que o Estado apresentava.

Até meados do século 20, Santa Catarina era um estado consideravelmente isolado do restante do País, ainda que já contasse com um parque industrial sólido, com potencial para crescimento e diversificação. Mas, para esse futuro chegar, era preciso, entre outras tarefas, melhorar – e muito – as precárias vias de transporte até então existentes: fragmentos de estradas, muitas delas de chão batido, que exigiam grandes (e perigosas) voltas para superar obstáculos como rios e morros.

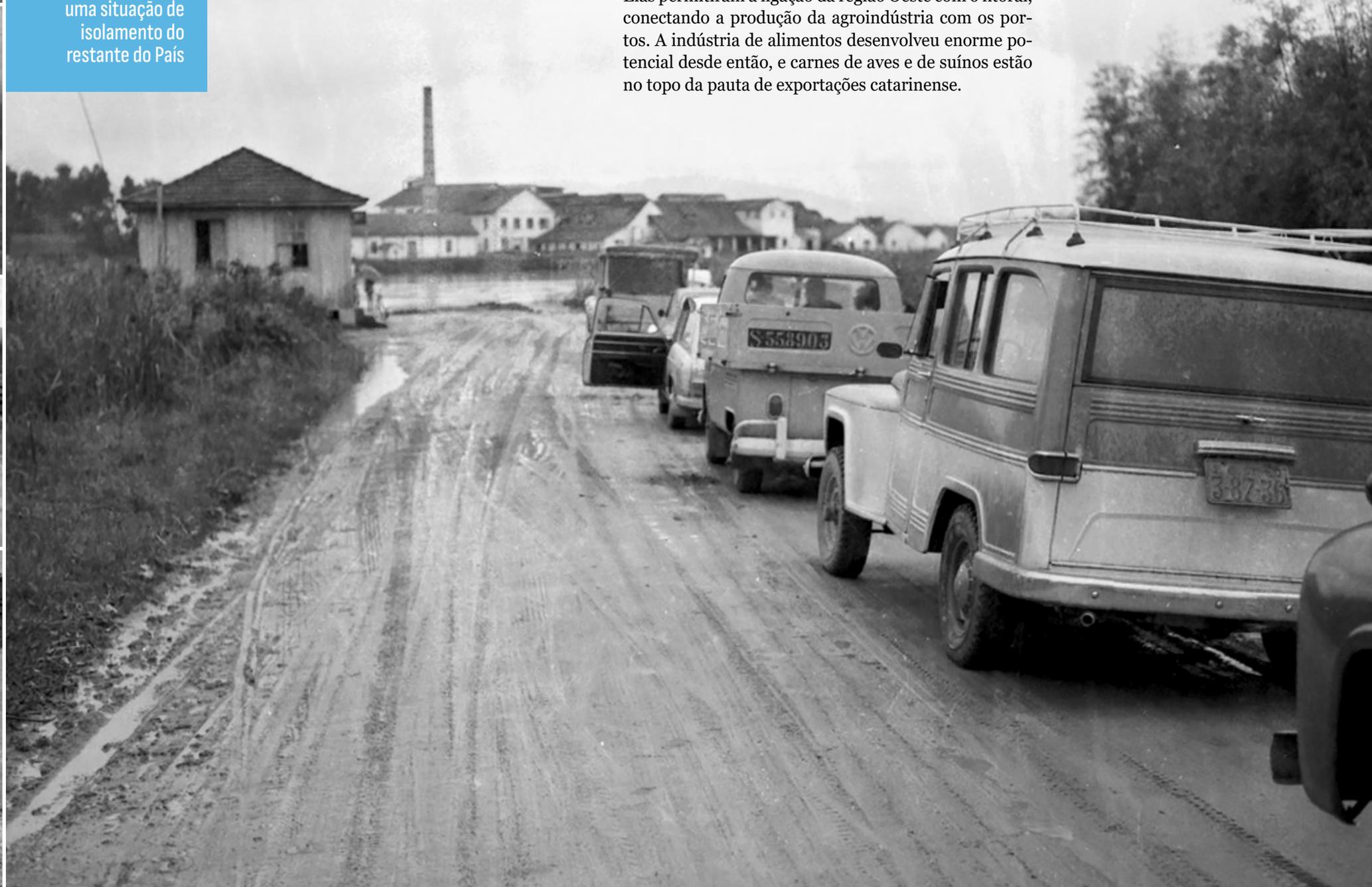
Dez anos depois de sua fundação, em 1960, a FIESC coordenou a criação do Plano de Metas do Governo, ou Plameg, que funcionaria como principal diretriz de trabalho para o Governo do Estado, indicando que 50% de todas as receitas do poder público deveriam ser aplicadas em obras de infraestrutura – desde então o tema sempre foi uma das principais bandeiras da entidade.

“Santa Catarina não pode se conformar com soluções paliativas. Precisamos de infraestrutura à altura da indústria e do desenvolvimento do Estado, queremos infraestrutura de primeiro mundo”

Mario Cezar de Aguiar
presidente da FIESC



Até meados do século 20 a maioria das estradas de Santa Catarina era fragmentada e de chão batido, e o Estado vivia uma situação de isolamento do restante do País



A conclusão da BR-101, no começo dos anos 1970, após 13 anos de obras, é considerada um marco na quebra do isolamento de Santa Catarina. Ao fazer parte da imensa rodovia que liga o Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, o Estado finalmente tinha uma via para a circulação de pessoas e produtos entre estados de forma mais organizada e segura.

Na mesma década começaram a ser construídos trechos da BR-470 e da BR-282, rodovias essenciais para a circulação leste-oeste do Estado até os dias de hoje. Elas permitiram a ligação da região Oeste com o litoral, conectando a produção da agroindústria com os portos. A indústria de alimentos desenvolveu enorme potencial desde então, e carnes de aves e de suínos estão no topo da pauta de exportações catarinense.



ACERVO CULTURAL FIESC

Obras realizadas a partir dos anos 1960 sustentaram o crescimento industrial em Santa Catarina

A FIESC apoia a criação de uma **MALHA VIÁRIA INTEGRADA** com pontos de concentração de cargas e uso de uma matriz mais diversificada de transporte para dar eficiência e escala para a indústria, e explorar o potencial do Estado de ser um **hub logístico estratégico** para o País

A industrialização de Santa Catarina aconteceu de forma pulverizada, bem distribuída em cinco das suas seis mesorregiões. Apesar de o Vale do Itajaí concentrar mais de um terço da atividade industrial catarinense, as regiões Oeste (18%), Norte (16,6%), Sul (16%) e Grande Florianópolis (12,6%) também têm alta representatividade no setor. É um desenho diferente de outros estados industrializados, como São Paulo, que concentra 56% de suas atividades em duas de suas 15 mesorregiões; e Paraná, com 68,4% em três de dez. Como consequência, o PIB catarinense também é muito dividido entre todas as regiões, trazendo desafios complexos para a infraestrutura e a logística. Já a topografia montanhosa e as áreas de vale dificultam a construção de ferrovias e rodovias, aumentando os custos e desafios técnicos das obras. O terreno acidentado pode exigir mais projetos complexos, como túneis e viadutos.

A falta de investimentos contínuos e as prioridades de políticas públicas ao longo das décadas influenciaram a infraestrutura do Estado. Os investimentos não foram suficientes para acompanhar o crescimento econômico e populacional, resultando em uma rede que não atende às necessidades atuais. A defasagem é explicada pela longa espera por obras essenciais, como foi a duplicação da BR-101, concluída somente no início dos anos 2000. Ao ser inaugurada, ela já estava aquém das necessidades de segurança e níveis de serviço exigidos à época.

Ferrovias são estratégicas

Em 1971, enquanto a BR-101 tinha seu percurso concluído em Santa Catarina, a locomotiva da Estrada de Ferro Santa Catarina, que ligava Itajaí ao Alto Vale, fazia sua última viagem. O desmantelamento desta e de outras ferrovias catarinenses a partir dos anos 1970 é considerado um dos maiores tiros no pé na mobilidade do Estado. Hoje, as ferrovias respondem por menos de 10% do transporte em Santa Catarina, focadas exclusivamente no transporte de cargas.

A visão da FIESC é que um complexo ferroviário em Santa Catarina é estratégico a médio e longo prazos, no contexto da diversificação da matriz de transporte, incorporando conceitos de intermodalidade adequados ao arranjo produtivo de cargas de valor agregado. Para isso é essencial o Plano Estadual de Logística de Transporte (PELT), que está em construção. O Plano deve identificar a participação privada em um sistema ferroviário que considere a cadeia de suprimento e distribuição e permita o acesso dos portos à malha ferroviária e aos mercados nacional e internacional. No curto prazo, a extensão da FerrOeste, no segmento Cascavel-Chapecó, é importante para o suprimento de grãos provenientes do Centro-Oeste destinados à alimentação animal em Santa Catarina.



Ferrovia de Blumenau em meados do século 20

LIVRO ACIB, 100 ANOS CONSTRUINDO BLUMENAU



DEFININDO a agenda

Com base em estudos técnicos e poder de influência e mobilização, FIESC organiza e conduz as principais demandas do setor produtivo do Estado

Com seu poder de influência e mobilização, a FIESC tem colocado os desafios da infraestrutura catarinense no topo da agenda de Santa Catarina, organizando as pautas, oferecendo soluções baseadas em critérios técnicos e cobrando das autoridades o desenvolvimento de projetos e o andamento de obras. Como já foi dito nesta publicação, a prática está na origem da FIESC, que pautou o plano de governo de Celso Ramos com base nas necessidades de infraestrutura do Estado.

Também vale citar a mobilização, nos anos 1960, pela construção da BR-101, e a elaboração, nos anos 1970, de um estudo sobre as necessidades energéticas do Estado. Um documento preparado na ocasião reivindicava o início das obras da Usina Hidrelétrica Itá, a ser construída na divisa com o Rio Grande do Sul. As ações da FIESC reforçaram as intenções da Eletrosul de explorar as oportunidades de geração no Rio Uruguai, que resultaram na construção das hidrelétricas de Itá e Machadinho nas décadas seguintes.

Mais à frente no tempo, nos anos 1990, começaram as discussões para implantação do gasoduto Brasil-Bolívia, para fornecimento de gás natural no País, mas Santa Catarina estava de fora dos planos iniciais. Na ocasião, a FIESC foi a entidade que mais se empenhou em incluir o Estado na rede de distribuição que era projetada. Além da representação política, a Federação intermediou a formalização de contratos entre empresas e concessionárias e se empenhou para que as indústrias fizessem a conversão energética. Por meio da Câmara de Energia, passou a monitorar o mercado e pressionar os fornecedores pela manutenção de preços competitivos para o gás no Estado.



Presidente da FIESC Milton Fett (acima, à direita) com o governador Casildo Maldaner e equipe, no início dos anos 1990, e Mario Cezar de Aguiar com o governador Jorginho Mello: demandas da indústria endereçadas





Geração de energia (acima, a usina hidrelétrica Machadinho) e tratamento de efluentes estão entre os temas monitorados pela FIESC para a elaboração da Agenda da Água, que tem o objetivo de definir estratégias e coordenar ações sobre o tema



A modernização e ampliação do complexo portuário também é objeto constante de ações da FIESC, que elaborou uma agenda específica para o setor, atualmente incorporada à Agenda Estratégica para a Infraestrutura e a Logística Catarinense, que é publicada anualmente e está na décima edição. A Agenda abrange as demandas em todos os modais de transporte considerando as matrizes de planejamento, investimento, política e gestão e também o chamado dever de casa, que é a logística empresarial.

A Câmara para Assuntos de Transporte e Logística da FIESC produz e reúne dados para a elaboração da Agenda, por meio de ações como a avaliação contínua dos aportes de recursos realizados nas obras, a execução de análises das rodovias e o acompanhamento em tempo real de todas as obras de infraestrutura do Estado, disponibilizando os resultados por meio da ferramenta Monitora FIESC.

Em 2023 uma nova agenda foi lançada, a Agenda da Água, que apresenta um diagnóstico geral da situação dos recursos hídricos de Santa Catarina considerado como variáveis o suprimento, a qualidade, a falta e o excesso de água, além da governança. É um documento dinâmico, atualizado anualmente, que provoca a participação da sociedade para contribuições. O principal objetivo é apoiar a adoção de uma política estadual para a água em Santa Catarina, considerando o curto, o médio e o longo prazo.

Em 2024, um marco importante para a solução dos problemas de mobilidade do Estado foi dado com a contratação do Plano Estadual de Logística de Transportes (PELT). Trata-se de um planejamento para definir as diretrizes de investimentos, inovações, mudanças e continuidades no sistema logístico, com avaliação de todos os corredores logísticos disponíveis e potenciais, considerando suprimento e distribuição de cargas. A FIESC ofereceu contribuições por meio de diversos estudos técnicos e a organização das prioridades da indústria. “O Plano era uma demanda muito antiga da FIESC e demais entidades do setor produtivo do Estado. A maior vantagem do PELT é que ele é uma referência técnica para priorizar investimentos”, afirma Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC.



ABAIXO DA MÉDIA

Atendimento urbano de esgoto é precário em SC

Posição	Estado	Índice
1	SP	94,72%
2	DF	91,77%
3	PR	85,36%
4	RR	83,87%
5	MG	82,96%
6	RJ	69,27%
...		
19	SC	32,22%

Média Brasil 64,08%

Fonte: Agenda da Água FIESC/SNIS 2023



COMPETITIVIDADE em xeque

Além da necessidade de ampliar as rodovias existentes e de construir novas, cerca de metade da malha rodoviária existente no Estado precisa de manutenção e restauração urgentes



ADOBESTOCK

O sexto maior PIB do País é gerado no Estado de Santa Catarina, que é o quinto maior pagador de impostos, o que é um feito diante de sua pequena população em relação ao total nacional e à de outros estados muito maiores. Além disso, Santa Catarina detém a segunda posição como estado mais competitivo, atrás apenas de São Paulo, de acordo com o Ranking de Competitividade dos Estados elaborado pelo Centro de Liderança Pública (CLP). Diante de números assim, seria aceitável imaginar que o Estado conta com infraestrutura de ponta para garantir seu progresso socioeconômico. Mas a realidade é que a economia consegue crescer apesar das limitações impostas pela infraestrutura, totalmente subdimensionada e sucateada.

Diante dos gargalos logísticos,
da grande demanda por
investimentos e da completa
falta de recursos públicos,
a FIESC defende
**CONCESSÕES E PARCERIAS
PÚBLICO-PRIVADAS (PPPs)**
como única forma de superar os
desafios de infraestrutura de SC

“A infraestrutura é nosso maior problema e uma evolução nesta área poderia nos colocar na primeira posição dentre os estados mais competitivos”, afirma Egídio Antônio Martorano, presidente da Câmara para Assuntos de Transporte e Logística da FIESC. “Para isso é necessário planejamento e inovação, com base em escolhas técnicas e de longo prazo”, diz Martorano, que defende a elaboração de um planejamento logístico sistêmico e integrado para Santa Catarina, com ênfase na intermodalidade.

De acordo com pesquisa da FIESC em conjunto com a UFSC, os custos logísticos para a indústria local representam 11% de cada real faturado. Uma desvantagem competitiva em relação ao mercado internacional, com custos logísticos estimados em 8% das receitas. Para além das questões econômicas, Santa Catarina é o estado vice-campeão em acidentes nas rodovias federais e o quarto em número de mortes. Conforme levantamentos da FIESC, mais de metade da malha estadual precisa de trabalhos de conservação, manutenção e restauração nas rodovias federais e estaduais.

Há anos a FIESC avalia as condições das rodovias, acompanha o andamento das obras e desenvolve estudos para apontar as melhores soluções possíveis, informando e influenciando os principais atores com poder de decisão nessa área. A Federação já desenvolveu, por exemplo, propostas baseadas em estudos técnicos para os principais seg-



LUAN WESTPHAL - CBNSC



FOTOS: IVAN ANSOLIN



mentos da malha rodoviária, como o corredor logístico central catarinense, formado pelas BRs 163, 282 e 470, ligando o Extremo Oeste ao corredor litorâneo (BR-101). Por este corredor passam 70% das exportações do Estado. Devido aos seus inúmeros problemas, a agroindústria calcula que os fretes locais custam 40% a mais do que deveriam. Propostas incluem desde a intervenção pontual em trechos críticos até a incorporação do corredor como um todo ao planejamento de longo prazo do Governo Federal, para viabilizar concessões em todo o segmento.

Perda de tempo e acidentes trágicos são constantes nas rodovias de Santa Catarina, estado com segundo maior número de acidentes em rodovias federais. Em função disso, os custos logísticos no Estado estão entre os mais altos do País

LEO LAPS

70% DA MATRIZ DE TRANSPORTE EM SC é representada pelo modal rodoviário



FOTOS: ADORBESTOCK

Outra bandeira da FIESC é a BR-101, problemática especialmente no trecho Norte. A Federação defende a extensão do contrato da concessionária e a realização de obras que não eram previstas no Plano de Exploração da Rodovia (PER) original. O chamado Extra PER, elaborado pelo Grupo Paritário de Trabalho coordenado pela Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), identificou as obras necessárias para manter razoáveis os níveis de serviço da rodovia ao longo do tempo.

No final de 2024 o Governo Federal finalmente encaminhou a repactuação do contrato, incluindo as BRs 101 e 116 e permitindo a incorporação de algumas obras adicionais. O pacote de obras incluído na proposta do Contrato de Otimização, entretanto, foi identificado pela FIESC como muito insuficiente para deixar a BR-101 com níveis de serviço e de segurança minimamente adequados nos próximos anos. A conclusão tem origem em um estudo técnico contratado pela FIESC, que resultou em um documento apresentado à ANTT com novas sugestões que foram incorporadas na proposta. “Serão necessárias intervenções de impacto muito maior do que as inicialmente propostas”, informa Martorano.

O colapso da mobilidade em regiões como o litoral Norte precisa de respostas arrojadas. Por isso, além de obras para melhorar o fluxo das rodovias já existentes, a FIESC apoia a construção de uma nova via alternativa entre Joinville e a Grande Florianópolis, paralela à BR-101, mais ao interior: a Via Mar. Com 145 quilômetros de extensão e custo total estimado em R\$ 9 bilhões, a obra deve ser conduzida através de parcerias público-privadas. Outras prioridades são a conclusão da duplicação da BR-470 e da BR-280, e a adequação de capacidade das BRs 163, 282 e 285, na região Sul. “No contexto geral da logística de Santa Catarina, no curto prazo as rodovias devem ser priorizadas, pois são responsáveis por 70% da movimentação de carga do Estado. É uma questão emergencial, dada a precariedade e a ineficiência da malha atual”, diz Martorano.

Vocação para a intermodalidade

Uma das vocações naturais que o desenvolvimento socioeconômico trouxe para Santa Catarina está na indústria de transformação e na grande movimentação de contêineres em seus portos. Estes fatores aumentam a importância de incrementar e instituir um sistema intermodal de transportes no Estado, incluindo rodovias, ferrovias e navegação de cabotagem. Mas é preciso que o Governo Federal, ainda muito focado no escoamento de *commodities*, entenda essa vocação catarinense e invista de forma a transformar esse potencial em realidade.

Em um estudo de 2017 do Ministério dos Transportes citado no livro “Proposta para inserção de Santa Catarina no contexto logístico nacional”, do presidente da Câmara de Transporte e Logística da FIESC Egídio Antônio Martorano, fica claro que Brasília ignora grande parte da produção industrial do Estado catarinense em suas propostas estratégicas – priorizando produtos como soja, milho, minério de ferro, automóveis, combustíveis, carnes e açúcar. Santa Catarina necessita de uma infraestrutura de transporte que não apenas leve grãos aos portos para exportação, mas que também permita o suprimento e a distribuição eficiente da indústria local.



UM ESTADO portuário

Diversos terminais conectam a indústria catarinense com o mundo e são diferenciais da economia do Estado, mas há desafios a superar

Com uma costa de mais de 500 quilômetros e uma das maiores atividades industriais do Brasil, Santa Catarina desenvolveu ao longo das últimas décadas um setor portuário de destaque internacional. É o segundo maior movimentador de carga containerizada do País – foram 2,56 milhões de contêineres de 20 pés (TEUs) em 2024, aumento de 6,6% em relação ao ano anterior –, com ambições (e condições) de superar Santos, no litoral paulista, dentro de poucos anos. Pelos cais dos seus cinco grandes portos são exportados e importados produtos acabados, de alto valor agregado, além de matérias-primas para a indústria e toneladas de grãos e outras *commodities*. São, de fato, um pilar fundamental para a economia catarinense.

A eficiência desses terminais define investimentos industriais e alavanca setores inteiros no Estado. Um exemplo é a indústria de beneficiamento de cobre em Joinville, que foi atraída pela proximidade com os portos e pela eficiência logística que eles oferecem. Da mesma forma, a BMW escolheu em 2014 a cidade de Araquari, no Norte do Estado, para estabelecer sua única fábrica brasileira, em grande parte devido à acessibilidade e eficiência do Porto Itapoá, instalado três anos antes na região. O setor portuário também é considerado o principal responsável pela ascensão de Itajaí ao posto de maior economia de Santa Catarina, ultrapassando Joinville em 2021.

Porto Itapoá: terminal de contêineres de uso privado com maior crescimento do Brasil

55%
Variação na
movimentação de
contêineres em SC
entre 2014 e 2025

Atualmente, carnes de aves e suína, motores elétricos, soja e produtos de madeira são alguns dos principais itens de exportação do Estado em valor FOB – que em 2024 chegou perto dos US\$ 12 bilhões. Os principais destinos são Estados Unidos, China, México e Argentina. Na via inversa, Santa Catarina tem importado principalmente cobre refinado, partes e acessórios para veículos, pneus de borracha, polímeros de etileno e veículos. Os dados são do Observatório FIESC.

Até 2007 havia três portos públicos na costa do Estado: São Francisco do Sul, Itajaí e Imbituba. Em outubro daquele ano, a Portonave começava a operar na margem esquerda da Foz do Rio Itajaí-Açu, em Navegantes – o primeiro terminal portuário privado de contêineres do Brasil. Hoje com 400 mil metros quadrados de área e 1,3 mil empregos diretos, a Portonave se tornou um dos portos mais eficientes do País. Em 2024, mesmo com metade do cais em obras, movimentou 1,2 milhão de TEUs e foi, segundo dados da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), o mais ágil no Brasil, com 118 contêineres movimentados por hora. “Após a conclusão da obra e a aquisição de novos equipamentos, a expectativa é que a capacidade operacional do terminal se torne ainda maior”, adianta Osmani de Castilho Ribas, diretor-superintendente administrativo da Portonave.

A obra, no cais do terminal, tem investimento na casa de R\$ 1 bilhão. Em novembro, 70% do trabalho estava concluído. Ao final, a Portonave deve entrar em uma seleta lista de terminais de contêineres aptos a receber navios de 400 metros de comprimento, os maiores do mundo. “No entanto, são necessários avanços estruturais no canal de acesso aquaviário e conclusão da obra da bacia de evolução do Rio Itajaí-Açu para os navios maiores serem recebidos”, pondera Ribas.

ADRIAN STOK

Educação Corporativa

A gente desenvolve os talentos que desenvolvem a sua empresa



 EAD

 PRESENCIAL

 HÍBRIDO

Você escolhe o formato (EaD, presencial ou híbrido), o local (in company, na unidade SENAI ou em ambos) e o SENAI capacita o seu time.



Customização mais assertiva



Compromisso com o desenvolvimento personalizado de competências que o seu negócio precisa.



Desenvolvimento da sua equipe



Capacitações com metodologia focada na prática profissional, gerando resultado, maior engajamento e retenção de talentos.



Retorno sobre o investimento



Formação de trabalhadores mais qualificados, possibilitando o aumento da produtividade e a eficiência operacional.

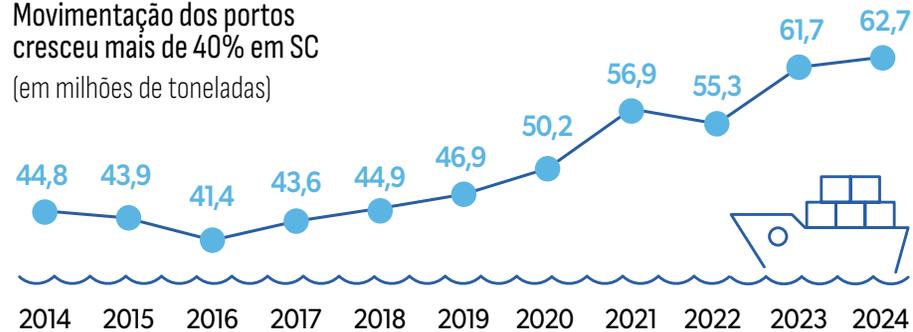
Entre em contato
e saiba mais!

0800 048 1212
sc.senai.br

SENAI

ALTA CONSISTENTE

Movimentação dos portos
cresceu mais de 40% em SC
(em milhões de toneladas)



Obs.: Movimentação total dos portos de SC. Fonte: Antaq

O Porto de Imbituba
cresceu 75% em
2024. Além das cargas
tradicionais, como
coque de petróleo,
sal e soja, o terminal
praticamente dobrou
a movimentação de
contêineres, atingindo
121 mil TEUs

Quatro anos depois da Portonave, em 2011, o Porto Itapoá foi inaugurado junto à Baía da Babitonga. A instalação do terminal influenciou o crescimento acelerado de vários municípios do Norte do Estado, como Araquari, Barra Velha e, claro, Itapoá – que triplicou o número de habitantes entre 2000 e 2022, quando ultrapassou a marca de 30 mil moradores, e multiplicou a arrecadação.

Em 2023, o porto bateu pela primeira vez a marca de 1 milhão de TEUs movimentados em um ano, sendo considerado o terminal de contêineres de uso privado com maior crescimento do Brasil. No ano passado foram 1,2 milhão de contêineres. Atualmente são realizados investimentos na expansão do terminal, que deve ganhar mais

400 metros de cais e 120 mil metros quadrados adicionais de pátio, equipamentos modernos e mais de 1 mil novas tomadas refrigeradas.

Porém, a alta eficiência dos portos não é suficiente para evitar atrasos, taxações questionáveis e aumento de despesas logísticas para empresas que importam e exportam através deles. Nos últimos anos, a pandemia, conflitos no Oriente Médio e as mudanças climáticas bagunçaram esquemas de transporte e multiplicaram preços do mercado de frete marítimo. Além de tais questões globais, muitas delas fora do controle, há uma série de entraves internos que refletem em custos milionários e perda de contratos e de competitividade para indústrias locais.

Em 2024 a FIESC diagnosticou um problema grave: a escassez de funcionários federais, subdimensionados para atender à demanda crescente nos portos nas áreas de auditorias fiscais, para liberação de cargas, e na de licenciamentos ambientais, para liberar obras e expansões dos portos.

Indústria demandou portos

A logística internacional acessada pelos portos catarinenses não apenas facilita a importação de materiais e a fluidez de cadeias de suprimentos em todo o País como também conecta indústrias locais a mercados globais. Para o engenheiro Marcelo Werner Salles, que trabalhou por 36 anos na Superintendência do Porto de Itajaí, a interação entre a indústria catarinense e os portos alavancou ambas as partes a partir dos anos 1970, quando o Estado começou a exportar cargas refrigeradas e, a reboque, produtos de outros segmentos, como o têxtil e o ceramista.

“O nosso industrial sempre apostou no mercado exterior. Dessa forma, forçou o desenvolvimento de infraestrutura para dar vazão a essa produção. Isso criou uma forte cultura portuária no Estado”, analisa Salles, que atualmente preside o conselho de administração da SCPar Holding, empresa pública estadual que administra, entre outras estruturas, os portos de Imbituba e São Francisco do Sul.

Com o desenvolvimento do setor, municípios como Itajaí e região vêm aos poucos se tornando *clusters* tecnológicos navais, com a presença de milhares de empresas voltadas para o setor e serviços especializados. Não à toa, a Marinha do Brasil escolheu a cidade para tocar um projeto de R\$ 11 bilhões com o grupo industrial alemão thyssenkrupp para construir quatro fragatas de guerra.



ADOBESTOCK

Portonave:
mais ágil no
Brasil, com 118
contêineres
movimentados
por hora



DIVULGAÇÃO

SUPERCARGUEIROS a caminho

Navios de até 400 metros de comprimento poderão operar em portos catarinenses se obras de ampliação de canais e áreas de evolução forem concluídas

O Porto Itapoá prepara-se para o início das obras de ampliação do canal de acesso à Baía da Babitonga, que vai aumentar a profundidade para 16 metros, permitindo a navegação de embarcações de até 366 metros de comprimento. Estimada em R\$ 354 milhões, a obra será feita através de uma inédita parceria público-privada: o valor será financiado pelo terminal privado, que será ressarcido através das tarifas pagas pelos navios à autoridade portuária. A assinatura do contrato foi celebrada no último dia 21 de março, e a proposta é finalizar o projeto antes de 2027.

“A obra representa um marco importante para a logística e a competitividade portuária de Santa Catarina. Para o Porto Itapoá, que quer se tornar o maior terminal portuário da América do Sul, é essencial para garantir a segurança da navegação e aprimorar a eficiência das operações”, considera o presidente do terminal, Ricardo Arten.

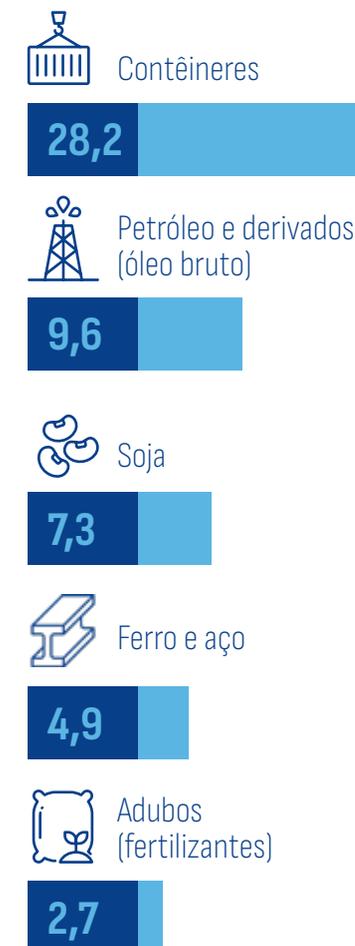
A ampliação vai beneficiar também o Porto de São Francisco do Sul, responsável pelo processo de licitação da obra. Com vocação para cargas gerais ou a granel, como petróleo e derivados, soja, milho, ferro e aço, o porto público também conta com um corredor de exportação instalado na zona primária, onde as empresas Terlogs e Bunge e a Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc) operam. O complexo conta ainda com o Terminal Graneleiro Irineu Bornhausen, conectado com ferrovia e rodovia e capacidade diária para até 120 vagões e 150 caminhões.

Na era dos supercargueiros – embarcações com até 400 metros de comprimento, capazes de transportar, em uma só viagem, mais de 20 mil TEUs –, os portos que não estiverem preparados para operar com tais dimensões serão relegados a segundo plano no mercado global de logística marítima. É por isso que obras como a da Baía da Babitonga são cruciais para manter a competitividade e atrair novos investimentos.

Cem quilômetros ao sul, a Foz do Rio Itajaí-Açu também demanda constantes obras de dragagem graças aos sedimentos trazidos pela imensa bacia hidrográfica que ali desemboca. Mas outra questão é fundamental para manter a competitividade e garantir que os investimentos da Portonave em seu cais tenham real efeito: completar a segunda fase das obras da bacia de evolução para permitir a entrada de supercargueiros nos portos de Navegantes e Itajaí.

A recente federalização do Porto de Itajaí, após imbróglgio que se arrastou desde dezembro de 2022 e que deixou um porto que movimentava meio milhão de contêineres por ano praticamente parado, parece sinalizar para um recomeço e, espera-se, uma aceleração nas obras. Desde o dia 2 de janeiro a Autoridade Portuária de Santos (APS) controla o porto, que até então era municipal. Com a definição, contêineres e outras cargas voltaram a circular nos cais do porto. A dragagem também foi homologada, restabelecendo os calados operacionais do porto de, no mínimo, 13,6 metros.

MERCADORIAS MOVIMENTADAS EM SC (2024)



Obs.: Carga bruta em milhões de toneladas. Fonte: Antaq



CORAGEM PARA ENFRENTAR AS transformações

A história da internacionalização da indústria catarinense é marcada pela superação de desafios, e a posição alcançada permite aproveitar melhor as oportunidades de novo ciclo

Com poucos dias decorridos do mês de abril de 2025 o mundo se dava conta de que a ordem econômica vigente ruía como um castelo de cartas, sem que houvesse clareza do que viria a seguir. A elevação abrupta de tarifas de importação aos EUA, maior consumidor do mundo, seguida por resposta à altura da China, maior produtor industrial, pareceu significar a pá de cal na globalização, sistema preponderante há décadas. É verdade que o protecionismo já se insinuava e a corrente de comércio global declinava nos últimos anos, mas a ação incisiva do governo Donald Trump escalou a tendência de desarticulação do sistema de cadeias globais de produção.



Ao mesmo tempo, na FIESC, mais de uma centena de indústrias catarinenses dos setores de madeira, papel e celulose, produtos de madeira e móveis debatiam as estratégias possíveis para defender os interesses de Santa Catarina, considerando que os EUA são o maior comprador de produtos de base florestal do Estado. “Santa Catarina tem uma cadeia florestal expressiva, que gera muitos empregos e impostos. As medidas anunciadas têm alto potencial de impacto na competitividade”, afirma Gilberto Seleme, 1º vice-presidente da FIESC e empresário do setor.

A indústria da madeira é um exemplo da inserção global catarinense. O setor eleva continuamente o volume de industrialização da madeira cultivada no Estado, e responde por mais de 70% da exportação brasileira de portas de madeira, por 44% dos móveis e por um terço das molduras de madeira e compensados de pinus, de acordo com a Associação Catarinense de Empresas Florestais. “A indústria de base florestal era vista como pobre e suja, mas hoje é tecnológica, demanda profissionais altamente qualificados, é sustentável e a madeira é integralmente aproveitada na cadeia produtiva”, diz Seleme.

US\$ 11,6 bilhões
Exportações totais
de SC em 2024

92,06%
Participação da
indústria de SC nas
exportações (2024)

FOTOS: ADOBESTOCK



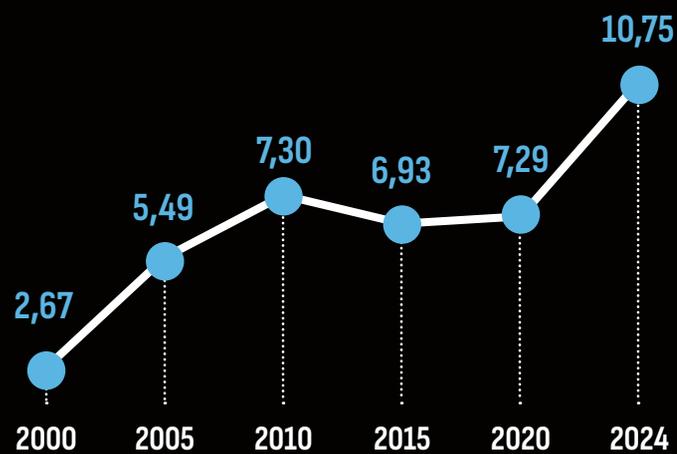


Transformações como essa qualificaram a indústria de Santa Catarina para o comércio internacional. Apesar das incertezas e desafios do novo cenário a FIESC divulgava, confiante, dados sobre as exportações catarinenses no primeiro trimestre de 2025, que somaram US\$ 2,77 bilhões, representando um aumento de 7,6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Os principais destinos são os EUA e a China, e os produtos principais são máquinas e equipamentos elétricos e alimentos, além de produtos de madeira.



Exportações da indústria de SC (US\$ bilhões)

Fonte: Comex e Observatório FIESC (2025)



Seleme: tecnológica e sustentável, a indústria de base florestal conquistou reputação e mercados no exterior



No mesmo período a Federação se reuniu em sua sede com o cônsul da Alemanha, Marc Oliver Bogdahn, para discutir o novo cenário geopolítico, a reorganização das cadeias produtivas e o reordenamento das alianças comerciais. Já em Frankfurt, na Alemanha, um grupo de gestores e pesquisadores dos Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia buscava atualização em relação às tecnologias industriais de ponta, para poder conectá-las à indústria catarinense. E, na sequência, a FIESC lançou o SC Day Colômbia, que será realizado em julho em Bogotá, para incentivar as exportações catarinenses para o país.

Todos os lances, ocorridos em um intervalo de poucos dias, ilustram o elevado grau de internacionalização da indústria catarinense. Essa condição foi, ao longo da história, diretamente responsável pelo desempenho acima da média nacional do setor. O envolvimento da FIESC com o tema foi decisivo para os resultados.

Vale citar a formação do Consórcio Catarinense de Exportações, em 1970. O objetivo era identificar e organizar empresas com potencial exportador e elaborar estratégias para explorar os mercados, com a ajuda de consultores especializados da Europa e Estados Unidos. O ímpeto da indústria catarinense pode ser medido pelo fato de que as exportações do Estado saltaram de 2% para 6% do total nacional, entre o início e o final da década de 1970. Nos anos 1980, que ficaram conhecidos como “década perdida”, as exportações da indústria tiveram papel central para o crescimento do Estado ter sido superior ao desempenho nacional, mitigando os efeitos da crise em Santa Catarina.

A década de 1990, contudo, foi especialmente importante para a inserção global da indústria catarinense. Os anos da globalização da economia foram marcados pela queda de barreiras comerciais e de reservas de mercado que protegiam a indústria local – entre 1989 e 1996 a tarifa média de importação caiu de 78% para 12,6%. O Plano Real, que obteve finalmente êxito contra a hiperinflação, valeu-se da valorização da moeda brasileira, de modo a tornar as importações mais baratas e as exportações mais caras, evitando a alta de preços no País. Deu certo, mas a indústria pagou um preço alto.

A queda de tarifas e o aumento das importações atingiram frontalmente setores importantes da indústria catarinense, como têxtil e vestuário, calçados, cerâmica e bens de capital, para citar alguns. A liberação de importação de carvão metalúrgico e o fim da reserva de mercado do carvão nacional desarticularam o complexo carbonífero catarinense, que após um longo ciclo de expansão retornou aos patamares do início dos anos 1970. A indústria, entretanto, não ficou imobilizada diante das transformações, e contou com a FIESC para se reinventar.

As iniciativas da Federação em formação profissional, tecnologia, inovação e gestão – descritas anteriormente – foram fundamentais para que a indústria atingisse novos patamares de competitividade. Além disso, a FIESC teve papel central para a identificação e aproximação da indústria com clientes internacionais. Um dos marcos desse movimento aconteceu em 1993, com a participação de uma delegação catarinense na Feira de Hannover, na Alemanha, então a mais importante feira industrial do mundo (leia o box).



Presidente da FIESC Bernardo Werner selando acordos com delegação chinesa em 1974 (página ao lado); missão empresarial pioneira em Hannover em 1993, sob a liderança de Osvaldo Douat, (acima); e Mario Cezar de Aguiar apresentando potencial do Estado no Chile, em 2024



FOTOS: ARQUIVO CULTURAL FIESC



MAIRA LINHARES

SC recebeu, em 2024, US\$ 33,7 bilhões em importações, segundo maior volume do País

Na pauta destacam-se insumos da indústria como cobre, autopeças, semicondutores e produtos químicos



FOTOS: ADDBESTOCK

A FIESC também teve participação ativa em diversos eventos que configuraram as relações entre países desde então. Representada por Maria Teresa Bustamante, atual presidente da Câmara de Comércio Exterior, a Federação esteve em todas as reuniões preparatórias para a formação do Mercosul, assim como na discussão e assinatura do Protocolo de Ouro Preto, em 1994, que conferiu ao bloco personalidade jurídica de direito internacional. Da mesma forma, participou da negociação e assinatura do Protocolo de Ushuaia, que estabelece a cláusula democrática do Mercosul, e tem participação ativa nas negociações do Acordo de Parceria Estratégica Mercosul-União Europeia, iniciado em 1999. O Mercosul teve papel relevante para impulsionar a indústria de Santa Catarina (veja o box).

Além disso, a FIESC esteve presente no grupo que criou, no âmbito da Confederação Nacional da Indústria, em 1996, a Coalizão Empresarial Brasileira, um fórum inédito da sociedade civil para ter voz representativa nas rodadas de negócios internacionais. Também participou da iniciativa ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), que acabou arquivada em 2005. Bustamante integra o Conselho Geral das Câmaras de Comércio/World Chambers of Commerce (ICC), organismo que congrega mais de 12 mil câmaras de comércio de todo o planeta.

Atualmente, diante do novo cenário geopolítico, as consequências para Santa Catarina são incertas. Pode haver abertura de novos mercados, em alguns casos, mas há o risco de elevação da concorrência de produtos importados no mercado interno, de forma parecida aos anos 1990. Entretanto, a aposta dos Estados Unidos e países europeus na reindustrialização é um indicativo de que a indústria está sendo valorizada em todo o mundo e poderá sair ganhando também no Brasil.

“O industrial catarinense sempre teve coragem para enfrentar as transformações e as crises, que acabaram por fortalecer o setor em Santa Catarina”, diz Mario Cezar de Aguiar, presidente da FIESC. “Agora, a guerra comercial em curso é fruto do reconhecimento, lá fora, de que não há crescimento sustentável sem indústria. Por isso, colocar a industrialização brasileira no centro das negociações e da estratégia do País é a chave para transformar qualquer cenário em oportunidade”, afirma.

Bons negócios no Mercosul

A entrada em vigor da tarifa externa comum do Mercosul, em 1995, abriu uma janela de oportunidades para a indústria, que sofria com a abertura abrupta da economia brasileira. Santa Catarina viu-se em posição privilegiada, situada a meio caminho entre os maiores centros de consumo do bloco econômico e com um parque fabril diversificado, capaz de atender a diversas demandas dos países vizinhos. Se no começo dos anos 1990 a Argentina, o Uruguai e o Paraguai absorviam somente 3% das exportações catarinenses, em 1997 os países já representavam quase 20% das vendas externas. Compravam roupas e tecidos, alimentos, papel, refrigeradores e revestimentos cerâmicos, dentre outros produtos. Entre 1990 e 2000, as exportações de Santa Catarina para o bloco cresceram 698%, enquanto as importações subiram 129%. Após 2011, em função da crise na Argentina, houve uma queda relativa no comércio, e atualmente as vendas para o Mercosul correspondem a cerca de 12% das exportações catarinenses.



ADDBESTOCK

Reunião da indústria dos países do Mercosul em Montevidéu, em 1999



ACERVO CULTURAL FIESC

Ganhando o mundo

Sob a liderança do então presidente da FIESC Osvaldo Douat, cerca de 200 empresários catarinenses embarcaram em um avião fretado pela Federação para exibir seus produtos e fazer contatos na Feira de Hannover de 1993, então a feira industrial mais importante do mundo. Tratou-se da primeira edição do projeto Missões Empresariais, que organizaria centenas de participações da indústria catarinense nas mais relevantes feiras do mundo, ao longo das décadas seguintes. A missão a Hannover foi sucedida pela criação do Centro Internacional de Negócios da FIESC, que passou a apoiar a inserção global da indústria com promoção, prospecção, inteligência comercial, capacitação e emissão de certificados de origem, dentre outros serviços. A atual gestão criou em 2018 o Programa de Internacionalização da Indústria de Santa Catarina, que tem apoiado centenas de empresas a acessar o mercado externo. Por meio da Plataforma de Internacionalização (Intercomp) as indústrias realizam diagnósticos de maturidade, obtêm capacitação e detectam oportunidades de negócios, dentre outros serviços oferecidos. "Nós incentivamos e ajudamos as empresas a dar o passo decisivo. Com a criação da plataforma, a FIESC se tornou o ponto focal da internacionalização da indústria em Santa Catarina", diz Maria Teresa Bustamante, presidente da Câmara de Comércio Exterior da FIESC.



sesi+saúde

A maior rede de **saúde corporativa** do Brasil.



Segurança e Saúde do Trabalho

Saúde e Bem-estar do Trabalhador

Gestão Inteligente da Saúde e Coordenação do Cuidado



Torne sua indústria mais segura, saudável e produtiva com o Sesi Saúde!

SUSTENTABILIDADE abre portas

Principais mercados globais passaram a exigir padrões ambientais e sociais elevados de seus fornecedores, e a indústria de Santa Catarina fez o dever de casa

Pode-se dizer que um grande despertar da consciência ambiental da indústria catarinense se deu na década de 1990 – ainda que sejam notórios diversos casos de indústrias que se associaram à conservação do meio ambiente desde o século 19. Foi uma onda: empresas de todo o Estado passaram a se equipar com sistemas de tratamento para acelerar o processo de recuperação dos corpos hídricos, que em alguns casos ainda recebiam efluentes sem tratamento. Ao mesmo tempo, deixaram de emitir gases com partículas pesadas.

A tendência era motivada por múltiplos fatores. Um deles era certamente a tomada de consciência, em um contexto de ECO 92, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, que trouxe uma enxurrada de informação relativa aos perigos a que a vida na Terra estava exposta. Em paralelo, legislações mais restritivas surgiam no Brasil, associadas a programas de conscientização. Havia ainda um fator decisivo para a nova orientação industrial: o mercado internacional.

Em tempos de globalização, não bastava ter eficiência operacional e bons produtos para obter um lugar ao sol no mercado mundial. Alguns dos principais mercados de Santa Catarina à época, como os países europeus e os Estados Unidos, passavam a exigir padrões ambientais elevados de seus fornecedores, em função das exigências de seus consumidores. Surgiu a ISO 14.000, certificação de gestão ambiental.

O conceito de sustentabilidade ganhava corpo com a ideia de integração dos objetivos econômicos com objetivos ambientais e sociais, em razão de sua dependência mútua. O meio ambiente e também o impacto social passavam a ser contabilizados nas grandes empresas com o conceito de Triple Bottom Line, em que os negócios consideram a performance ambiental e social da companhia, além da financeira.

A evolução no século 21 para o ESG – sigla em inglês que se refere às práticas de governança ambiental, social e corporativa – marca uma mudança no papel das empresas na sociedade, que passam a puxar a agenda por causa dos riscos a que os próprios negócios estão expostos devido à mudança climática, por exemplo. Os maiores fundos de investimentos do mundo estabelecem critérios ESG para influenciar o mercado.

Em Santa Catarina, a indústria se destaca na reciclagem de materiais de vários tipos, de acordo com José Lourival Magri, presidente da Câmara de Meio Ambiente e Sustentabilidade da FIESC. Um exemplo é a reciclagem de EPS, o popular isopor, que é baseada na logística reversa junto a produtores, distribuidores, varejistas e consumidores. Já a indústria de alimentos se notabiliza pela elevação de controles para evitar gases de efeito estufa, como o metano. “Também é destaque o uso racional da água em toda a indústria, que reduz o uso e amplia a reutilização continuamente”, diz Magri.



Eventos que moldaram a agenda de sustentabilidade

● 1972

• **Conferência de Estocolmo:** realizada pela ONU, tratou da associação entre crescimento econômico e degradação ambiental

● 1987

• **Relatório Brundtland:** definição do conceito de crescimento sustentável

• **Protocolo de Montreal:** limites de emissões para preservar a camada de ozônio

● 2004

• **ESG:** termo aparece em documento da ONU e Banco Mundial dirigido a instituições financeiras

● 2015

• **ODS:** ONU lança agenda global Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

• **Acordo de Paris:** tratado mundial com objetivo de reduzir o aquecimento global



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Cuidados crescentes da indústria com resíduos líquidos, sólidos e gasosos situaram o setor em um novo patamar para o atendimento da legislação e a satisfação dos clientes e consumidores dos países mais exigentes do mundo



FILIPPE SCOTTI

A indústria teve apoio da FIESC para se adequar aos novos parâmetros. Em 1994 a Federação instituiu a Câmara de Qualidade Ambiental, a primeira no âmbito das Federações das Indústrias, atualmente denominada Câmara de Meio Ambiente e Sustentabilidade. Esse fórum, ao longo dos anos, tem sido um espaço importante para discussão e posicionamentos relacionados ao tema, com grande participação das indústrias catarinenses e entidades relacionadas.

Em 1995 a FIESC implantou o Programa de Qualidade Ambiental na Indústria Catarinense, em parceria com a UFSC. O projeto Produção Mais Limpa, conduzido pelo IEL/SC, criou uma rede de prestação de serviços especializados para empresas que adotavam práticas ambientalmente corretas. Em 2008 a FIESC lançou o projeto Mercado de Carbono, e posteriormente uma bolsa de resíduos, para a indústria anunciar sua oferta e demanda de resíduos.

Lançado em 2013, o Plano Sustentabilidade para a Competitividade da Indústria Catarinense é um centro de informações estratégicas que apoia, de forma integrada, a adoção de práticas socioambientais pelas empresas. Em 2023 a FIESC lançou a Agenda da Água, já detalhada nesta edição. Um dos projetos mais abrangentes já desenvolvidos pela FIESC é o Hub de Descarbonização (leia matéria subsequente), que está em pleno desenvolvimento no Estado para viabilizar uma efetiva economia de baixo carbono.

A FIESC tem promovido eventos de alto nível sobre sustentabilidade nos últimos anos, proporcionando a troca de experiências



Hub da FIESC promove a colaboração entre o setor produtivo e outros segmentos da sociedade em busca da economia de baixo carbono

Descarbonização MOBILIZA INDÚSTRIA

Reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) é o propósito do Hub FIESC de Descarbonização, que une esforços do setor produtivo, do poder público, dos centros de pesquisas e da sociedade civil na construção de soluções sustentáveis para os segmentos mais representativos da economia do Estado.

O Hub foi lançado em 2023, em decorrência de uma demanda apresentada pela Tupy, metalúrgica sediada em Joinville. No ano anterior, a empresa havia adquirido a MWM, fábrica de motores e geradores de energia que já desenvolvia projetos de descarbonização em alguns estados do Brasil, mas nenhum em Santa Catarina. Surgiu então a intenção de desenvolver um projeto associado a alguma atividade típica da indústria catarinense. A FIESC foi consultada e envolveu os Institutos SENAI de Inovação e Tecnologia na prospecção de possibilidades.

Chegou-se à ideia de incentivar a produção de biogás a partir de dejetos suínos. Trata-se de um passivo ambiental relevante em Santa Catarina, maior produtor nacional de suínos. Novos parceiros foram agregados ao projeto, a exemplo da JBS, interessada em iniciativas que contribuam para a descarbonização da sua cadeia de produção.

O programa nasceu com uma meta ambiciosa para os próximos dez anos: que 100% dos dejetos gerados nas propriedades focadas na produção comercial de suínos em Santa Catarina sejam aproveitados para a geração de biogás. Estima-se que os resíduos orgânicos têm potencial para produzir quase duas vezes mais biometano do que o consumo atual de gás natural no Estado – o biometano é um dos produtos obtidos a partir do biogás e possui características similares ao gás natural. O programa prevê a instalação de biodigestores nas mais de 8 mil unidades produtivas de suínos de Santa Catarina.

“É um quadro que será transformado pela existência de um projeto amplo, com financiamento, acompanhamento e apoio técnico adequados. É isso que o Hub de Descarbonização se propõe a fazer”, descreve Mauricio Cappra Pauletti, gerente executivo de Inovação e Tecnologia do SENAI/SC. Ele afirma que muitos produtores ainda não se sentem pressionados pela necessidade de reduzir as emissões, mas ressalta que essa percepção está mudando rapidamente, por conta das demandas que vêm das grandes empresas para as quais eles fornecem os produtos.

A experiência de estruturação do programa está servindo como referência para a arquitetura de outros programas do Hub de Descarbonização, que envolverão problemas ambientais complexos em setores relevantes da indústria catarinense. Alguns candidatos naturais são os setores de mobilidade, cerâmica e carvão – este último é um exemplo claro de setor que precisa se reinventar, já que quase toda a produção do Sul catarinense é destinada à Usina Termelétrica Jorge Lacerda, que será desativada em 2040.

A proposta é que o Hub funcione como uma grande plataforma para a entrada e a análise de demandas da indústria, sempre com foco na descarbonização das cadeias produtivas. “Além dos ganhos ambientais, os projetos têm o objetivo de gerar diferenciais competitivos e oportunidades de negócios para a indústria”, ressalta Charles Leber, especialista do Instituto SENAI de Tecnologia Ambiental.

Nesse verdadeiro “mutirão” pela sustentabilidade é fundamental a adesão de parceiros que contribuem com diferentes expertises para o enfrentamento do problema em pauta. No caso do projeto de biogás, a lista inclui instituições como o Governo do Estado, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Centrais Elétricas de Santa Catarina (Ceslec), a Companhia de Gás de Santa Catarina (SCGás), a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), a Associação Catarinense de Tecnologia (Acate) e a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc), entre outras.



ADOBESTOCK



FOTOS: DIVULGAÇÃO



EDSON JUNKES



A indústria carbonífera e setores como os de alimentos, plásticos e cerâmico estão entre os que serão beneficiados pelo Hub, com ganhos ambientais e a geração de diferenciais competitivos e oportunidades de negócios



FOTOS: ADORSTOCK

O HUB ESTÁ MAPEANDO A EMISSÃO DE GASES DE EFEITO ESTUFA DOS PRINCIPAIS SETORES E IDENTIFICANDO O POTENCIAL DE GERAÇÃO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS, ALÉM DAS POSSIBILIDADES DE GERAÇÃO DE CRÉDITOS DE CARBONO

No que diz respeito a financiamento dos projetos, um dos parceiros do Hub é o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE). “Participar do Hub é uma iniciativa alinhada ao papel do Banco desde sua criação, há 64 anos: apoiar o desenvolvimento da economia catarinense”, diz João Paulo Kleinübing, diretor financeiro do BRDE.

Além do alinhamento histórico, há também o propósito mais recente do BRDE de ser reconhecido como um “banco verde”. “A inserção global da economia catarinense exige transição para a economia de baixo carbono. Viabilizar crédito diferenciado para esse propósito faz parte dos objetivos estratégicos do Banco”, enfatiza Kleinübing.

Como participar do Hub

Qualquer empresa do setor industrial catarinense pode se integrar ao Hub, mesmo que ainda não haja um projeto específico relacionado ao setor de atuação. Um dos benefícios imediatos é ter acesso a informações e orientações sobre como descarbonizar o processo produtivo, além da possibilidade de trocar experiências com outras organizações que vivem desafio semelhante. O Hub planeja e conduz seminários e workshops temáticos, novas tecnologias e práticas sustentáveis, visando capacitar e informar os participantes. Os membros são encorajados a compartilhar conhecimento e experiências que possam enriquecer o aprendizado coletivo. Assim, além de promover a sustentabilidade e o cumprimento de regulamentações e de requisitos de compliance, a adesão impulsiona o acesso a fontes de fomento, novas tecnologias, mercados e modelos de negócio de baixo carbono. Contribui, ainda, para a melhora da reputação da empresa junto ao mercado e aos consumidores.



A FIESC e a construção de uma indústria forte em SC

A Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) completa 75 anos de serviços prestados com excelência à população catarinense e ao setor industrial no Estado e no Brasil. Não à toa, a indústria de Santa Catarina é hoje um exemplo para o País. A FIESC se destaca por promover um ambiente favorável aos negócios e defender com afinco os interesses da indústria, agindo em favor da qualidade de vida e educação do trabalhador e do estímulo à inovação.

A indústria de Santa Catarina tem o sexto maior PIB industrial do Brasil, representando 28,5% de participação na economia estadual. O setor mantém 64,7 mil estabelecimentos, gera 934 mil empregos, o que coloca Santa Catarina como o estado com maior participação da indústria nos empregos totais. Além disso, se destaca por empregar mais de 300 mil mulheres, o equivalente a um terço dos trabalhadores da indústria catarinense.

Santa Catarina está na liderança nacional em vários setores, e o crescimento das indústrias catarinenses impacta diretamente a competitividade do País no cenário global. O desenvolvimento do setor no Estado impulsiona políticas industriais sustentáveis e o empreendedorismo local – que se traduz em uma colaboração expressiva para a balança comercial brasileira.

É imprescindível ressaltar o trabalho de todos os dirigentes que conduziram a Federação ao longo desses 75 anos, culminando no atual presidente, Mario Cezar de Aguiar. Essa dedicação tem propiciado a construção de uma economia mais forte, inclusiva e dinâmica, focada na superação de desafios e com o propósito de proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento tecnológico do setor e a inovação, competitividade e criação de empregos.

A FIESC atende com eficiência e excelência às demandas de saúde e qualidade de vida do trabalhador, por meio das casas que integram o Sistema Indústria – SESI, SENAI e IEL. Nesse contexto, é fundamental mencionar importantes iniciativas de formação e qualificação profissional, oferta de serviços técnicos e tecnológicos e incentivo à inovação, à educação executiva e ao aprimoramento tecnológico.

Os desafios da indústria são enormes, especialmente os estruturais, socioeconômicos e climáticos, mas a FIESC tem sido um verdadeiro agente de transformação. Ao celebrar os 75 anos da FIESC, destacamos que seu legado para o setor produtivo brasileiro resultará em um futuro mais próspero e sustentável ao País.



“O crescimento das indústrias catarinenses impacta diretamente a competitividade do País no cenário global. O desenvolvimento do setor industrial no Estado impulsiona políticas industriais sustentáveis e o empreendedorismo local”

Ricardo Alban, empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

EJA
PROFISSIONALIZANTE
Educação de Jovens e Adultos

Acelere os resultados da sua indústria com a formação básica dos trabalhadores

Contribuição compulsória revertida em **educação gratuita** para os colaboradores

INSCRIÇÕES
ABERTAS



materiais.sesisc.org.br/matriculas-eja

SESI **SENAI**



Pós-graduação **UniSENAI**



PREPARE-SE PARA OS DESAFIOS
PROFISSIONAIS QUE ESTÃO POR
VIR E ACELERE SUA CARREIRA!

MATRÍCULAS ABERTAS



Acesse e
saiba mais